

# LUÍS CAMÕES

OBRAS COMPLETAS DE  
LUIS DE CAMÕES, TOMO  
III

**Luís Camões**  
**Obras Completas de Luis**  
**de Camões, Tomo III**

*[http://www.litres.ru/pages/biblio\\_book/?art=24181148](http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=24181148)  
Obras Completas de Luis de Camões, Tomo III:*

# Содержание

RIMAS	4
REDONDILHAS	4
SEXTINAS	216
SEXTINA I	216
SEXTINA II	217
SEXTINA III	219
SEXTINA IV	221
ELEGIAS	224
ELEGIA I	224
Конец ознакомительного фрагмента.	227

# **Luís Camões**

## **Obras Completas de Luis de Camões, Tomo III**

### **RIMAS**

### **REDONDILHAS**

Sôbolos rios que vão  
Por Babylonia, me achei,  
Onde sentado chorei  
As lembranças de Sião,  
E quanto nella passei.  
Alli o rio corrente  
De meus olhos foi manado;  
E tudo bem comparado,  
Babylonia ao mal presente,  
Sião ao tempo passado.

Alli lembranças contentes  
N'alma se representarão;  
E minhas cousas ausentes

Se fizerão tão presentes,  
Como se nunca passarão.  
Alli, depois d'acordado,  
Co'o rosto banhado em ágoa,  
Deste sonho imaginado,  
Vi que todo o bem passado  
Não he gôsto, mas he mágoa.

E vi que todos os danos  
Se causavão das mudanças,  
E as mudanças dos anos;  
Onde vi quantos enganôs  
Faz o tempo ás esperanças.  
Alli vi o maior bem  
Quão pouco espaço que dura;  
O mal quão depressa vem;  
E quão triste estado tem  
Quem se fia da ventura.

Vi aquillo que mais val  
Qu'então s'entende melhor,  
Quando mais perdido for:  
Vi ao bem succeder mal,  
E ao mal muito peor.  
E vi com muito trabalho  
Comprar arrependimento:  
Vi nenhum contentamento;  
E vejo-me a mi, qu'espalho  
Tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas ágoas  
Com que banho este papel:  
Bem parece ser cruel  
Variedade de mágoas,  
E confusão de Babel.  
Como homem, que por exemplo  
Dos trances em que se achou,  
Depois que a guerra deixou,  
Pelas paredes do templo  
Suas armas pendurou:

Assi, depois qu'assentei  
Que tudo o tempo gastava,  
Da tristeza que tomei,  
Nos salgueiros pendurei  
Os órgãos com que cantava.  
Aquelle instrumento ledó  
Deixei da vida passada,  
Dizendo: Musica amada,  
Deixo-vos neste arvoredó  
Á memoria consagrada.

Frauta minha, que tangendo  
Os montes fazieis vir  
Par'onde estaveis, correndo;  
E as ágoas, que hião descendo,  
Tornavão logo a subir;  
Jamais vos não ouvirão

Os tigres, que s'amansavão;  
E as ovelhas, que pastavão,  
Das hervas se fartarão,  
Que por vos ouvir deixavão.

Ja não fareis docemente  
Em rosas tornar abrolhos  
Na ribeira florecente;  
Nem poreis freio á corrente,  
E mais se for dos meus olhos.  
Não movereis a espessura,  
Nem podereis ja trazer  
Atraz vós a fonte pura;  
Pois não pudestes mover  
Desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida  
Á Fama, que sempre vela,  
Frauta de mi tão querida;  
Porque mudando-se a vida,  
Se mudão os gostos della.  
Acha a tenra mocidade  
Prazeres accommodados;  
E logo a maior idade  
Ja sente por pouquidade  
Aquelles gostos passados.

Hum gôsto, que hoje s'alcança,  
Á manhãa ja o não vejo:

Assi nos traz a mudança  
D'esperança em esperança,  
E de desejo em desejo.  
Mas em vida tão escassa  
Qu'esperança será forte?  
Fraqueza da humana sorte,  
Que quanto da vida passa  
Está recitando a morte!

Mas deixar nesta espessura  
O canto da mocidade:  
Não cuide a gente futura  
Que será obra da idade  
O que he fôrça da ventura.  
Qu'idade, tempo, e espanto  
De ver quão ligeiro passe,  
Nunca em mi puderão tanto,  
Que, postoque deixo o canto,  
A causa delle deixasse.

Mas em tristezas e nojos,  
Em gôsto e contentamento;  
Por sol, por neve, por vento,  
*Tendré presente á los ojos*  
*Por quien muero tan contento.*  
Orgãos e frauta deixava,  
Despôjo meu tão querido,  
No salgueiro que alli'stava,  
Que para tropheo ficava



De quem me tinha vencido.

Mas lembranças da afeição  
Que alli captivo me tinha,  
Me perguntarão então,  
Qu'era da musica minha,  
Que eu cantava em São?  
Que foi daquelle cantar,  
Das gentes tão celebrado?  
Porque o deixava de usar,  
Pois sempre ajuda a passar  
Qualquer trabalho passado?

Canta o caminhante ledô  
No caminho trabalhoso  
Por entre o espêssô arvoredô;  
E de noite o temeroso  
Cantando refreia o medo.  
Canta o preso docemente,  
Os duros grilhões tocando;  
Canta o segador contente;  
E o trabalhador, cantando,  
O trabalho menos sente.

Eu qu'estas cousas senti  
N'alma de mágoas tão cheia,  
Como dirá, respondi,  
Quem alheio está de si  
Doce canto em terra alheia?

Como poderá cantar  
Quem em choro banha o peito?  
Porque, se quem trabalhar  
Canta por menos cansar,  
Eu só descansos engeito.

Que não parece razão,  
Nem seria cousa idonia,  
Por abrandar a paixão  
Que cantasse em Babylonia  
As cantigas de Sião.  
Que quando a muita graveza  
De saudade quebrante  
Esta vital fortaleza,  
Antes morra de tristeza,  
Que por abrandá-la cante.

Que se o fino pensamento  
Só na tristeza consiste,  
Não tenho medo ao tormento:  
Que morrer de puro triste,  
Que maior contentamento?  
Nem na frauta cantarei  
O que passo, e passei já,  
Nem menos o escreverei;  
Porque a penna cansará,  
E eu não descansarei.

Que se vida tão pequena

S'accrescenta em terra estranha;  
E se Amor assi o ordena,  
Razão he que canse a penna  
D'escrever pena tamanha.  
Porém, se para assentar  
O que sente o coração,  
A penna ja me cansar,  
Não canse para voar  
A memoria em Sião.

Terra bem-aventurada,  
Se por algum movimento  
D'alma me fores tirada,  
Minha penna seja dada  
A perpétuo esquecimento.  
A pena deste destêrro,  
Qu'eu mais desejo esculpida  
Em pedra, ou em duro ferro,  
Essa nunca seja ouvida,  
Em castigo de meu êrro.

E se eu cantar quizer  
Em Babylonia sujeito,  
Hierusalem, sem te ver,  
A voz, quando a mover,  
Se me congele no peito;  
A minha lingua se apegue  
Às fauces, pois te perdi,  
S'em quanto viver assi

Houver tempo, em que te negue,  
Ou que m'esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de glória.  
S'eu nunca vi tua essencia,  
Como me lembrás na ausencia?  
Não me lembrás na memoria,  
Senão na reminiscencia:  
Que a alma he taboa rasa,  
Que com a escrita doutrina  
Celeste tanto imagina,  
Que vò da propria casa,  
E sobe á patria divina.

Não he logo a saudade  
Das terras onde nasceo  
A carne, mas he do Ceo,  
Daquella santa Cidade,  
Donde est'alma descendeo.  
E aquella humana figura,  
Que cá me póde alterar,  
Não he quem se ha de buscar;  
He raio da formosura,  
Que só se deve d'amar.

Que os olhos, e a luz que ateia  
O fogo que cá sujeita,  
Não do sol, nem da candeia,  
He sombra daquella ideia,

Qu'em Deos está mais perfeita.  
E os que cá me captivárão,  
São poderosos affeitos  
Qu'os corações tõe sujeitos;  
Sophistas, que m'ensinárão  
Maos caminhos por direitos.

Destes o mando tyrano  
M'obriga com desatino  
A cantar ao som do dano  
Cantares d'amor profano,  
Por versos d'amor divino.  
Mas eu, lustrado co'o santo  
Raio, na terra de dor,  
De confusões e d'espanto  
Como hei de cantar o canto,  
Que só se deve ao Senhor?

Tanto póde o beneficio  
Da graça que dá saude,  
Que ordena que a vida mude:  
E o qu'eu tomei por vício,  
Me faz grao para a virtude;  
E faz qu'este natural  
Amor, que tanto se préza,  
Suba da sombra ao real,  
Da particular belleza  
Para a belleza geral.

Fique logo pendurada  
A frauta com que tangi,  
Ó Hierusalem sagrada,  
E tome a lyra dourada  
Para só cantar de ti;  
Não captivo e ferrolhado  
Na Babylonia infernal,  
Mas dos vícios desatado,  
E cá desta a ti levado,  
Patria minha natural.

E s'eu mais der a cerviz  
A mundanos accidentes,  
Duros, tyrannos e urgentes,  
Risque-se quanto ja fiz  
Do grão livro dos viventes.  
E, tomando ja na mão  
A lyra santa e capaz  
D'outra mais alta invenção,  
Calle-se esta confusão,  
Cante-se a visão de paz.

Ouçá-me o pastor e o rei,  
Retumbe este accento santo,  
Mova-se no mundo espanto;  
Que do que ja mal cantei  
A palinodia ja canto.  
A vós só me quero ir,  
Senhor, e grão Capitão

Da alta tôrre de Sião,  
Á qual não posso subir,  
Se me vós não dais a mão.

No grão dia singular,  
Que na lyra em douto som  
Hierusalem celebrar,  
Lembrae-vos de castigar  
Os ruins filhos de Edom.  
Aquelles que tintos vão  
No pobre sangue innocente,  
Soberbos co'o poder vão,  
Arrazá-los igualmente:  
Conheção que humanos são.

E aquelle poder tão duro  
Dos affectos com que venho,  
Qu'encendem alma e engenho;  
Que ja m'entrarão o muro  
Do livre arbitrio que tenho;  
Estes, que tão furiosos  
Gritando vem a escalar-me,  
Maos espiritos damnosos,  
Que querem como forçosos  
Do alicerce derribar-me;

Derribae-os, fiquem sós,  
De fôrças fracos, imbelles;  
Porque não podemos nós,

Nem com elles ir a vós,  
Nem sem vós tirar-nos delles.  
Não basta minha fraqueza  
Para me dar defensão,  
Se vós, santo Capitão,  
Nesta minha Fortaleza  
Não puzerdes guarnição.

E tu, ó carne, qu'encantas,  
Filha de Babel tão feia,  
Toda de miseria cheia,  
Que mil vezes te levantas  
Contra quem te senhoreia;  
Beato só póde ser  
Quem co'a ajuda celeste  
Contra ti prevalecer,  
E te vier a fazer  
O mal que lhe tu fizeste:

Quem com disciplina crua  
Se fere mais que huma vez;  
Cuja alma, de vicios nua,  
Faz nodas na carne sua,  
Que ja a carne n'alma fez.  
E beato quem tomar  
Seus pensamentos recentes,  
E em nascendo os affogar,  
Por não virem a parar  
Em vicios graves e urgentes:



Quem com elles logo der  
Na pedra do furor santo,  
E batendo os desfizer  
Na Pedra, que veio a ser  
Emfim cabeça do canto:  
Quem logo, quando imagina  
Nos vícios da carne má,  
Os pensamentos declina  
Áquella Carne divina,  
Que na Cruz esteve já.

Quem do vil contentamento  
Cá deste mundo visibil,  
Quanto ao homem for possibil,  
Passar logo entendimento  
Para o mundo intelligibil;  
Alli achará alegria  
Em tudo perfeita, e cheia  
De tão suave harmonia,  
Que nem por pouca recreia,  
Nem por sobeja enfastia.

Alli verá tão profundo  
Mysterio na summa Alteza,  
Que, vencida a natureza,  
Os mores faustos do mundo  
Julgue por maior baixeza.  
Ó tu, divino aposento,

Minha patria singular,  
Se só com te imaginar,  
Tanto sobe o entendimento,  
Que fara se em ti se achar?

Ditoso quem se partir  
Para ti, terra excellente,  
Tão justo e tão penitente,  
Que depois de a ti subir,  
Lá descanse eternamente!

— oOo —

## **CARTA A HUMA DAMA**

Querendo escrever hum dia  
O mal, que tanto estimei;  
Cuidando no que poria,  
Vi Amor que me dizia:  
Escreve, qu'eu notarei.  
E como para se ler  
Não era historia pequena  
A que de mi quiz fazer,  
Das azas tirou a penna  
Com que me fez escrever.

E, logo como a tirou,  
Me disse: Aviva os espiritos;  
Que pois em teu favor sou,  
Esta penna, que te dou,  
Fara voar teus escritos.  
E dando-me a padecer  
Tudo o que quiz que puzesse,  
Pude enfim delle dizer,  
Que me deo com qu'escrevesse  
O que me deo a escrever.

Eu qu'este engano entendi,  
Disse-lhe: Qu'escreverei?  
Respondeo, dizendo assi:  
Altos effeitos de mi.  
E daquella a quem te dei.  
E ja que te manifesto  
Todas minhas estranhezas,  
Escreve, pois que te prézas,  
Milagres d'hum claro gesto,  
E de quem o vio, tristezas.

Ah Senhora, em quem se apura  
A fé de meu pensamento!  
Escutae e estae a tento,  
Que com vossa formosura  
Iguala Amor meu tormento.  
E, postoque tão remota

Estejais de m'escutar  
Por me não remediar,  
Ouvi, que pois Amor nota,  
Milagres se hão de notar.

Escrevem varios Authores,  
Que junto da clara fonte  
Do Ganges, os moradores  
Vivem do cheiro das flores  
Que nascem naquelle monte.  
Se os sentidos podem dar  
Mantimento ao viver,  
Não he logo d'espantar,  
S'estes vivem de cheirar,  
Que viva eu só de vos ver.

Huma árvore se conhece,  
Que na geral alegria  
Ella tanto s'entristece,  
Que, como he noite, floresce,  
E perde as flores de dia.  
Eu, qu'em ver-vos sinto o preço  
Qu'em vossa vista consiste,  
Em a vendo m'entristeço,  
Porque sei que não mereço  
A glória de ver-me triste.

Hum Rei de grande poder  
Com veneno foi criado,

Porque, sendo costumado,  
Não lhe pudesse empecer,  
Se depois lhe fosse dado.  
Eu, que criei de pequena  
A vista a quanto padece,  
Desta sorte m'acontece,  
Que não me faz mal a pena,  
Senão quando me fallece.

Quem da doença Real  
De longe enfêrmo se sente,  
Por segredo natural  
Fica são vendo somente  
Hum volátil animal.  
Do mal, que Amor em mi cria,  
Quando aquella Phenix vejo,  
São de todo ficaria;  
Mas fica-me hydropesia,  
Que quanto mais, mais desejo.

Da vibora he verdadeiro,  
Se a consorte vai buscar,  
Qu'em se querendo juntar,  
Deixa a peçonha primeiro,  
Porque lh'impede o gerar.  
Assi quando m'apresento  
Á vossa vista inhumana,  
A peçonha do tormento  
Deixo á parte, porque dana

Tamanho contentamento.

Querendo Amor sustentar-se,  
Fez huma vontade esquivar-se  
D'huma estatua namorar-se:  
Depois, por manifestar-se,  
Converteo-a em mulher viva.  
De quem m'irei eu queixando,  
Ou quem direi que m'engana  
Se vou seguindo e buscando  
Huma imagem, que d'humana  
Em pedra se vai tornando?

D'huma fonte se sabia,  
Da qual certo se provava  
Que quem sôbre ella jurava,  
Se falsidade dizia,  
Dos olhos logo cegava.  
Vós, que minha liberdade,  
Senhora, tyrannizais,  
Injustamente mandais,  
Quando vos fallo verdade,  
Que vos não possa ver mais.

Da palma s'escreve e canta  
Ser tão dura e tão forçosa,  
Que pêzo não a quebranta,  
Mas antes, de presunçosa,  
Com elle mais se levanta.

Co'o pêzo do mal que dais,  
A constancia qu'em mi vejo,  
Não somente ma dobrais,  
Mas dobra-se meu desejo,  
Com qu'então vos quero mais.

Se alguém os olhos quizer  
Ás andorinhas quebrar,  
Logo a mãe, sem se deter,  
Huma herva lhe vai buscar  
Que lhes faz outros nascer.  
Eu que os olhos tenho attento  
Nos vossos, qu'estrellas são,  
Cegão-se os do entendimento,  
Mas nascem-me os da razão  
De folgar com meu tormento.

Lá para onde o sol sahe,  
Descobrimos, navegando,  
Hum novo rio admirando,  
Que o lenho que nelle cahe,  
Em pedra se vai tornando.  
Não s'espantem disto as gentes;  
Mais razão será qu'espante  
Hum coração tão possante,  
Que com lagrimas ardentes  
Se converte em diamante.

Póde hum mudo nadador

Na linha e cana influir  
Tão venenoso vigor,  
Que faz mais não se bulir  
O braço do pescador.  
Se começa de beber  
Deste veneno excelente  
Meus olhos, sem se deter,  
Não se sabem mais mover  
A nada que se apresente.

Isto são claros sinais  
Do muito qu'em mi podeis:  
Nem podeis desejar mais;  
Que se ver-vos desejais,  
Em mi claro vos vereis.  
E quereis ver a que fim  
Em mi tanto bem se pôs?  
Porque quiz Amor assim,  
Que por vos verdes a vós,  
Tambem me visseis a mim.

Dos males que m'ordenais,  
Qu'inda tenho por pequenos,  
Sabei, se mos escutais,  
Que ja não sei dizer mais,  
Nem vós podeis saber menos.  
Mas ja que a tanto tormento  
Não se acha quem resista,  
Eu, Senhora, me contento



De terdes meu soffrimento  
Por alvo de vossa vista.

Quantos contrarios consente  
Amor, por mais padecer!  
Que aquella vista excellente,  
Que me faz viver contente,  
Me faça tão triste ser!  
Mas dou este entendimento  
Ao mal, que tanto m'offende,  
Como na vela s'entende,  
Que se se apaga co'o vento,  
Co'o mesmo vento se accende.

Exprimentou-se algum'hora  
D'ave, que chamão Camão,  
Que se da casa, onde mora,  
Vê adúltera senhora,  
Morre de pura paixão.  
A dor he tão sem medida,  
Que remedio lhe não val.  
Mas oh ditoso animal,  
Que póde perder a vida,  
Quando vê tamanho mal!

Nos gôstos de vos querer  
Estava agora enlevado,  
Se não fôra salteado  
Das lembranças de temer

Ser por outrem desamado.  
Estas suspeitas tão frias,  
Com que o pensamento sonha,  
São assi como as harpias,  
Que as mais doces iguarias  
Vão converter em peçonha.

Faz-me este mal infinito  
Não poder ja mais dizer,  
Por não vir a corromper  
Os gostos que tenho escrito,  
Co'os males qu'hei d'escrever.  
Não quero que s'apregõe  
Mal tanto para encobrir,  
Porque em quanto aqui s'ouvir  
Nenhuma outra cousa sôe,  
Que a glória de vos servir.

— oOo —

## Á MESMA

Dama d'estranho primor,  
Se vos for  
Pezada minha firmeza,

Olhae não me deis tristeza,  
Porque a converto em amor.  
E se cuidais  
De me matar, quando usais  
D'esquivança,  
Irei tomar por vingança  
Amar-vos cada vez mais.

Porém vosso pensamento,  
Como isento,  
Seguirá sua tenção,  
Crendo qu'em tanta affeição  
Não haja accrescentamento.  
Não creais  
Que desta arte vos façais  
Invencibil;  
Que Amor sôbre o impossibil  
Amostra que póde mais.

Mas ja da tenção que sigo,  
Me desdigo;  
Que se ha tanto poder nelle,  
Tambem vós podeis mais qu'elle  
Neste mal que usais comigo.  
Mas se for  
O vosso poder maior  
Entre nós,  
Quem poderá mais que vós,  
Se vós podeis mais que Amor?

Depois que, Dama, vos vi,  
Entendi,  
Que perdêra Amor seu preço;  
Pois o favor que lh'eu peço,  
Vos pede elle para si.  
Nem duvido  
Que não póde, de sentido,  
Resistir;  
Pois em vez de vos ferir,  
Ficou de vos ver ferido.

Mas pois vossa vista he tal  
Em meu mal,  
Que posso de vós querer?  
Que mal poderei valer,  
Onde o mesmo Amor não val.  
Se attentar,  
Nenhum bem posso esperar:  
E oxalá  
Que vos alembrasse já,  
Sequer para me matar.

Mas nem com isto creais  
Que fazeis  
Meus serviços mais pequenos;  
Porqu'eu, quando espero menos,  
Sabei qu'então quero mais.  
Nada espero;

Mas de mi crede este fero,  
Qu'em ser vosso,  
Vos quero tudo o que posso,  
E não posso quanto quero.

Só por esta phantasia  
Merecia  
De meus males algum fruto;  
E não era certo muito  
Para o muito que queria.  
De maneira,  
Que não he, na derradeira,  
Grande espanto,  
Que quem, Dama, vos quer tanto,  
Que outro tanto de vós queira.

— oOo —

## **A HUMAS SUSPEITAS**

Suspeitas, que me quereis?  
Qu'eu vos quero dar lugar  
Que de certas me mateis,  
Se a causa, de que nasceis,  
Vós quizesseis confessar.

Que de não lhe achar desculpa,  
A grande mágoa passada  
Me tõe a alma tão cansada,  
Que se me confessa a culpa,  
Te-la-hei por desculpada.

Ora vêde que perigos  
Tõe cercado o coração,  
Que no meio da oppressão  
A seus proprios inimigos  
Vai pedir a defesaõ!  
Que, suspeitas, eu bem sei,  
Como se claro vos visse,  
Que he certo o que ja cuidei;  
Que nunca mal suspeitei,  
Que certo me não sahisse.

Mas queria esta certeza  
Daquella que me atormenta;  
Porque em tamanha estreiteza  
Ver que disso se contenta,  
He descanso da tristeza.  
Porque se esta só verdade  
Me confessa limpa e nua  
De cautela e falsidade,  
Não póde a minha vontade  
Desconforme ser da sua.

Por segredo namorado

He certo estar conhecido  
Que o mal de ser engeitado  
Mais atormenta sabido  
Mil vezes, que suspeitado.  
Mas eu só, em quem se ordena  
Novo modo de querella,  
De medo da dor pequena,  
Venho a achar na maior pena  
O refrigerio para ella.

Ja nas iras m'inflammei,  
Nas vinganças, nos furores,  
Que ja doudo imaginei;  
E ja mais doudo jurei  
De arrancar d'alma os amores.  
Ja determinei mudar-me  
Para outra parte com ira;  
Depois vim a concertar-me  
Que era bom certificar-me  
No que mostrava a mentira.

Mas depois ja de cansadas  
As furias do imaginar,  
Vinha emfim a rebentar  
Em lagrimas magoadas,  
E bem para magoar.  
E deixando-se vencer  
Os meus fingidos enganos  
De tão claros desenganos,

Não posso menos fazer,  
Que contentar-me co'os danos.

E pedir que me tirassem  
Este mal de suspeitar  
Que me vejo atormentar,  
Indaque me confessassem  
Quanto me póde matar.  
Olhae bem se me trazeis,  
Senhora, pôsto no fim;  
Pois neste estado a que vim,  
Para que vós confesseis,  
Se dão os tratos a mim.

Mas para que tudo possa  
Amor, que tudo encaminha,  
Tal justiça lhe convinha;  
Porque da culpa, qu'he vossa,  
Venha a ser a morte minha.  
Justiça tão mal olhada  
Olhae com que côr se doura,  
Que quero, ao fim da jornada,  
Que vós sejais confessada,  
Para qu'eu seja o que moura!

Pois confessae-vos jagora,  
Indaque tenho temor  
Que nem nesta última hora  
Me ha de perdoar Amor



Vossos peccados, Senhora.  
E assi vou desesperado,  
Porque estes são os costumes  
D'amor que he mal empregado;  
Do qual vou ja condemnado  
Ao inferno de ciumes.

— oOo —

## **LABYRINTHO, QUEIXANDO-SE DO MUNDO.<sup>1</sup>**

Corre sem vela e sem leme  
O tempo desordenado,  
D'hum grande vento levado:  
O que perigo não teme,  
He de pouco exprimentado.  
As redeas trazem na mão  
Os que redeas não tiverão:  
Vendo quanto mal fizerão  
A cobiça e ambição,  
Disfarçados se acolhêrão.

---

<sup>1</sup> Este Labyrinto, onde ninguem se entende, não parece obra do poeta. Nelle não fazemos emenda alguma, porque a unica judiciosa seria passar-lhe um traço por cima: o que não ousamos fazer por andar em todas as edições. *Nota dos editores.*

A nao, que se vai perder,  
Destruê mil esperanças:  
Vejo o mau que vem a ter;  
Vejo perigos correr  
Quem não cuida que ha mudanças.  
Os que nunca em sella andáráo,  
Na sella postos se vem:  
De fazer mal não deixáráo;  
De demonio hábito tem  
Os que o justo profanáráo.

Que poderá vir a ser  
O mal nunca refreado?  
Anda, por certo, enganado  
Aquelle que quer valer,  
Levando o caminho errado.  
He para os bons confusão,  
Ver que os maos prevalecêráo;  
Que, pôsto se detiverão  
Com esta simulação,  
Sempre castigos tiverão:

Não porque governe o leme  
Em mar envolto e turbado,  
Que tõe seu rumo mudado,  
Se perece grita e geme  
Em tempo desordenado.  
Terem justo galardão,  
E dor dos que merecêráo,

Sempre castigos tiveram  
Sem nenhuma redempção,  
Postoque se detiverão.

Na tormenta, se vier,  
Desespere na bonança,  
Quem manhas não sabe ter:  
Sem que lhe valha gemer,  
Verá falsar a balança.  
Os que nunca trabalharão,  
Tendo o que lhe não convem,  
Se ao innocente enganarão,  
Perderão o eterno bem,  
Se do mal não s'apartarão.

— oOo —

## **CONVITE QUE FEZ NA INDIA A CERTOS FIDALGOS**

**A primeira iguaria foi posta  
a Vasco de Ataide, e dizia:**

Se não quereis padecer  
Huma, ou duas horas tristes,  
Sabeis que haveis de fazer?  
Volveros por dó venistes,  
Que aqui não ha que comer.  
E, postoque aqui leais  
Trovinha que vos enleia,  
Corrido não estejais;  
Porque por mais que corrais,  
Não heis de alcançar a ceia.

## **A segunda a D. Francisco de Almeida**

Heliogabalo zombava  
Das pessoas convidadas;  
E de sorte as enganava,  
Que as iguarias que dava,  
Vinhão nos pratos pintadas.  
Não temais tal travessura,  
Pois ja não póde ser nova;  
Porque a cêa está segura  
De vos não vir em pintura;  
Mas ha de vir toda em trova.

## **A terceira a Heitor da Silveira**

Cêa não a papareis:  
Com tudo, porque não minta,  
Para beber achareis,  
Não Caparica, mas tinta,  
E mil cousas que papeis.  
E vós torceis o focinho  
Com esta amphibologia?  
Pois sabeis que a Poesia  
Vos dá aqui tinta por vinho,  
E papéis por iguaria.

**A quarta a João Lopes Leitão, a quem o  
Author fez huns versos, que vão adiante, sôbre  
huma peça de cacha, que deo a huma Dama**

Porque os que vos convidarão  
Vosso estomago não danem,  
Por justa causa ordenarão,  
Se trovas vos enganarão,  
Que trovas vos desenganem.  
Vós tereis isto por tacha,

Converter tudo em trovar;  
Pois se me virdes zombar,  
Não cuideis, Senhor, que he cacha,  
Que aqui não ha que cachar.

## **Responde João Lopes**

Pezar ora não de são,  
Eu juro pelo Ceo bento,  
Se de comer não me dão,  
Qu'eu não sou camaleão,  
Que m'hei de manter do vento.

## **Responde o Author**

Senhor, não vos agasteis,  
Porque Deos vos proverá;  
E se mais saber quereis,  
Nas costas deste lereis  
As iguarias que ha.

## **Virado o papel, dizia assi:**

Tendes nem migalha assada;  
Cousa nenhuma de mólho;  
E nada feito em empada;  
E vento de tigelada;  
Picar no dente em remólho:  
De fumo tendes taçalhos;  
Ave da pena que sente  
Quem da fome anda doente;  
Bocejar de vinho e d'alhos;  
Manjar em branco excellente.

## **A derradeira a Francisco de Mello**

D'hum homem, que teve o scetro  
Da vêa maravilhosa,  
Não foi cousa duvidosa,  
Que se lhe tornava em metro  
O qu'hia a dizer em prosa.  
De mi vos quero affirmar  
Que faça cousas mais novas,  
De quanto podeis cuidar;  
E esta cêa, que he manjar,

Vos faça na boca em trovas.

— oOo —

## **NA INDIA AO VISO-REI, COM O MOTE ADIANTE**

Conde, cujo illustre peito  
Merece nome de Rei,  
Do qual muito certo sei  
Que lhe fica sendo estreito  
O cargo de Viso-Rei;  
Servirdes-vos d'occupar-me  
Tanto contra meu Planeta,  
Não foi senão azas dar-me,  
Com as quaes vou a queimar-me,  
Como o faz a borboleta.

E s'eu a penna tomar,  
Que tão mal cortada tenho,  
Será para celebrar  
Vosso valor singular  
Dino de mais alto engenho.  
Que se o meu vos celebrasse,



Necessario me sería  
Que os olhos d'aguia tomasse,  
Só para que não cegasse  
No sol de vossa valia.

Vossos feitos sublimados  
Nas armas, dignos de gloria,  
São no mundo tão soados,  
Qu'em vós de vossos passados  
Se resuscita a memoria.  
Pois aquelle ânimo estranho,  
Prompto para todo effeito,  
Espanta todo o conceito:  
Como coração tamanho  
Vos póde caber no peito?

A clemencia, que asserena  
Coração tão singular,  
S'eu nisso puzesse a penna,  
Sería encerrar o mar  
Em cova muito pequena.  
Bem basta, Senhor, que agora  
Vos sirvais de me occupar;  
Que assi fareis aparar  
A penna, com que algum'hora  
Vos vereis ao ceo voar.

Assi vos irei louvando,  
Vós a mi do chão erguendo,

Ambos o mundo espantando;  
Vós com a espada cortando,  
Eu com a penna escrevendo.

## **Mote que lhe mandou o Viso-Rei**

Muito sou meu inimigo,  
Pois que não tiro de mi  
Cuidados, com que nasci,  
Que põe a vida em perigo.  
Oxalá que fôra assi!

## **Volta**

Viver eu, sendo mortal,  
De cuidados rodeado,  
Parece meu natural;  
Que a peçonha não faz mal  
A quem foi nella criado.  
Tanto sou meu inimigo,  
Que por não tirar de mi  
Cuidados, com que nasci,  
Porei a vida em perigo.  
Oxalá que fôra assi!

Tanto vim a accrescentar  
Cuidados, que nunca amansão  
Em quanto a vida durar,  
Que canso ja de cuidar  
Como cuidados não cansão.  
S'estes cuidados, que digo,  
Dessem fim a mi e a si,  
Farião pazes comigo;  
Que pôr a vida em perigo,  
O bom fôra para mi.

— oOo —

## **A HUMA DAMA, QUE LHE MANDOU PEDIR ALGUMAS OBRAS SUAS**

Senhora, s'eu alcançasse  
No tempo que ler quereis,  
Que a dita dos meus papéis  
Pola minha se trocasse;  
E por ver  
Tudo o que posso escrever  
Em mais breve relação,

Indo eu onde elles vão,  
Por mi só quizesseis ler;

Depois de ver hum cuidado  
Tão contente de seu mal,  
Verieis o natural  
Do que aqui vêdes pintado;  
Que o perfeito  
Amor, de que sou sogeito,  
Vereis aspero e cruel,  
Aqui com tinta e papel,  
Em mi com sangue no peito.

Que hum continuo imaginar  
Naquillo que Amor ordena,  
He pena, que emfim por penna  
Se não póde declarar;  
Que se eu levo  
Dentro n'alma quanto devo  
De trasladar em papéis,  
Vêde que melhor lereis,  
Se a mi, se aquillo qu'escrevo?

## A HUMA SENHORA, A QUEM DERÃO HUM PEDAÇO DE SITIM AMARELLO

Se derivais da verdade  
Esta palavra *Sitim*,  
Achareis sem falsidade,  
Que apos o *si* tõe o *tim*,  
Que tine em toda a Cidade.  
Bem vejo que m'entendeis;  
Mas porque não falle em vão,  
Sabei que a esta Nação  
Tanto que o *si* concedeis,  
O *tim* logo está na mão.

E quem da fama s'arreda,  
Que tudo vai descobrir,  
Deve sempre de fugir  
De sitins, porque da seda  
Seu natural he rugir.  
Mas panno fino e delgado,  
Qual a raxa e outros assi,  
Dura, aqueenta, e he callado,

Amoroso, e dá de si  
Mais que *sitim*, nem brocado.

Mas estes, que sedas são  
Com quem s'enganão mil Damas,  
Mais vos tomão, do que dão;  
Promettem, mas não darão,  
Senão nodoas para as famas.  
E se não me quereis crer,  
Ou tomais outro caminho,  
Por exemplo o podeis ver,  
Quando lá virdes arder  
A casa d'algun vizinho.

Oh feminina simpreza,  
Donde estão culpas a pares,  
Que por hum Dom de nobreza,  
Deixão dões da natureza,  
Mais altos e singulares!  
Hum Dom, que anda enxertado  
No nome, e nas obras não.  
Fallo como exprimentado;  
Que *sitim* desta feição  
Eu tenho muito cortado.

Dizem-me qu'era amarello;  
E quem assi o quiz dar,  
Só para me Deos vingar,  
Se vem á mão amarê-lo,

O qu'eu não posso cuidar.  
Porque quem sabe viver  
Por estas artes manhosas,  
(Isto bem póde não ser)  
Dá a meninas formosas,  
Somente polas fazer.

Quem vos isto diz, Senhora,  
Servio nas vossas armadas  
Muito, mas anda ja fóra;  
E póde ser qu'inda agora  
Traz abertas as fréchadas.  
E, postoque desfavores  
O tirão de servidor,  
Quer-vos ventura melhor;  
Que dos antigos amores  
Inda lhe fica este amor.

— oOo —

## **A HUMA SENHORA REZANDO POR HUMAS CONTAS**

Peço-vos que me digais

As orações que rezastes,  
Se são polos que matastes,  
Se por vós que assi matais?  
Se são por vós, são perdidas;  
Que qual será a oração,  
Que seja satisfação,  
Senhora, de tantas vidas?

Que se vêdes quantos vem  
A só vida vos pedir,  
Como vos ha Deos de ouvir,  
Se vós não ouvis ninguém?  
Não podeis ser perdoada  
Com mãos a matar tão prontas,  
Que se n'humas trazeis contas,  
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encommendando  
Os que matastes andais;  
Se rezais por quem matais,  
Para que matais rezando?  
Que se na fôrça do orar  
Levantais as mãos aos Ceos,  
Não as ergueis para Deos,  
Erguei-las para matar.

E quando os olhos cerrais,  
Toda enlevada na fé,  
Cerrão-se os de quem vos vê,



Para nunca verem mais.  
Pois se assi forem tratados  
Os que vos vem quando orais,  
Essas horas que rezais,  
São as horas dos finados.

Pois logo, se sois servida  
Que tantos mortos não sejam,  
Não rezeis onde vos vejão,  
Ou vêde para dar vida.  
Ou se quereis escusar  
Estes males que causastes,  
Resuscitae quem matastes,  
Não tereis por quem rezar.

— oOo —

## **A HUMA DAMA QUE LHE DEO HUMA PENNA**

Se n'alma e no pensamento  
Por vosso me manifesto,  
Não me peza do que sento;  
Que se não soffrer tormento,  
Faço offensa a vosso gesto.  
E, pois quanto Amor ordena,

E quanto est'alma deseja,  
Tudo á morte me condena,  
Não quero senão que seja  
Tudo pena, pena, pena.

— oOo —

## **A HUMA DAMA QUE LHE CHAMOU CARA SEM OLHOS**

Sem olhos vi o mal claro,  
Que dos olhos se seguio:  
Pois cara sem olhos vio  
Olhos, que lhe custão caro.  
D'olhos não faço menção,  
Pois quereis que olhos não sejam;  
Vendo-vos, olhos sobejão,  
Não vos vendo, olhos não são.

## DISPARATES NA INDIA

Este mundo es el camino  
Adó hay ducientos váos,  
Ou por onde bons e maos,  
Todos somos del merino.  
Mas os maos são de teor,  
Que desque mudão a côr,  
Chamão logo a ElRei compadre;  
E emfim dejadlos, mi madre,  
Que sempre tõe hum sabor  
De quem torto nasce, tarde s'endireita.

Deixae a hum que se abone:  
Diz logo de muito sengo,  
Villas y castillos tengo,  
Todos á mi mandar sone.  
Então eu, qu'estou de môlho,  
Com a lagrima no ôlho,  
Polo virar do envés,  
Digo-lhe: *tu ex illis es*,  
E por isso não te ólho;  
Pois honra e proveito não cabem n'hum saco.

Vereis huns, que no seu seio  
Cuidão que trazem París,  
E querem com dous ceítis,  
Fender anca pelo meio.  
Vereis mancebindo de arte,  
Com espada em talabarte:  
Não ha mais Italiano.  
A este direis: Meu mano,  
Vós sois galante que farte;  
Mas pan y vino anda el camino, que no mozo garrido.

Outros em cada theatro,  
Por officio lhe ouvirês  
Que se matarán con tres,  
Y lo mismo haran con cuatro.  
Prezão-se de dar respostas,  
Com palavras bem compostas;  
Mas se lhe meteis a mão,  
Na paz mostram coração,  
Na guerra mostram as costas;  
Porque aqui torce a porca o rabo.

Outros vejo por ahi,  
A que se acha mal o fundo,  
Que andão emendando o mundo,  
E não se emendão a si.  
Estes respondem a quem  
Delles não entende bem

El dolor que está secreto;  
Mas porém quem for discreto,  
Responder-lhe-ha muito bem:  
Assi entrou o mundo, assi ha de sahir.

Achareis rafeiro velho,  
Que se quer vender por galgo:  
Diz que o dinheiro he fidalgo,  
Que o sangue todo he vermelho.  
Se elle mais alto o dissera,  
Este pelote puzera:  
Que o seu eco lhe responda;  
Que su padre era de Ronda,  
Y su madre de Antequera,  
E quer cobrir o ceo co'huma joeira.

Fraldas largas, grave aspeito,  
Para Senador Romano.  
Oh que grandissimo engano!  
Que Momo lhe abraisse o peito!  
Consciencia, que sobeja,  
Siso, com que o mundo reja,  
Mansidão outro que si;  
Mas que lobo está em ti,  
Metido em pelle de oveja!  
E sabem-no poucos.

Guardae-vos de huns meus Senhores,  
Que ainda comprão e vendem;

Huns, qu'he certo, que descendem  
Da geração de pastores:  
Mostrão-se-vos bons amigos;  
Mas se vos vem em perigos,  
Escarrão-vos nas paredes;  
Que de fóra dormiredes,  
Irmão, que he tempo de figos;  
Porque de rabo de porco nunca bom virote.

Que direis d'huns, que as entranhas  
Lh'estão ardendo em cobiça,  
E se tõe mando, a justiça  
Fazem de teas de aranhas?  
Com suas hypocrisias,  
Que são de vossas espias:  
Para os pequenos huns Neros,  
Para os grandes tudo feros.  
Pois tu, parvo, não sabías,  
Que lá vão leis, onde querem cruzados?

Mas tornando a huns enfadonhos,  
Cujas cousas são notorias;  
Huns, que contão mil histórias  
Mais desmanchadas que sonhos;  
Huns mais parvos que zamboas,  
Qu'estudão palavras boas,  
A que ignorancia os atixa:  
Estes paguem por justiça,  
Que tõe morto mil pessoas,

Por vida de quanto quero.

Adonde tienen las mentes  
Huns secretos trovadores,  
Que fazem cartas d'amores,  
De que ficção mui contentes?  
Não querem sahir á praça;  
Trazem trova por negaça;  
E se lha gabais, qu'he boa,  
Diz qu'he de certa pessoa.  
Ora que quereis que faça,  
Senão ir-me por esse mundo?

Ó tu, como me atarracas,  
Escudeiro de Solia,  
Com bocaes de fidalguia,  
Trazido quasi com vacas;  
Importuno a importunar,  
Morto por desenterrar  
Parentes, que cheirão ja!  
Voto a tal, que me fara  
Hum destes nunca fallar  
Mais com viva alma.

Huns, que fallão muito, vi,  
De que quizera fugir;  
Huns que, emfim, sem se sentir,  
Andão fallando entre si;  
Porfiosos sem razão;

E desde tomão a mão,  
Fallão sem necessidade;  
E se algum'hora he verdade,  
Deve ser na confissão;  
Porque quem não mente... Ja m'entendeis.

Oh vós, quem quer que me lerdés,  
Qu'haveis de ser avisado,  
Que dizeis ao namorado  
Que caça vento com redes?  
Jura por vida da Dama;  
Fallá comsigo na cama;  
Passêa de noite e escarra;  
Por falsete na guitarra  
Põe sempre: Viva que ama,  
Porque calça a seu proposito.

Mas deixemos, se quizerdes,  
Por hum pouco as travessuras,  
Porqu'entre quatro maduras  
Leveis tambem cinco verdes.  
Deitemos-nos mais ao mar;  
E se algum se arrecear,  
Passe tres ou quatro trovas.  
E vós tomais côres novas?  
Mas não he para espantar;  
Que quem porcos ha menos,  
Em cada mouta lhe roncão.



Ó vós, que sois Secretarios  
Das consciencias Reais,  
E que entre os homens estais  
Por Senhores ordinarios;  
Porque não pondeis hum freio  
Ao roubar, que vai sem meio,  
Debaixo de bom governo?  
Pois hum pedaço de inferno  
Por pouco dinheiro alheio  
Se vende a Mouro e a Judeo.

Porque a mente, affeçoada  
Sempre á Real dignidade,  
Vos faz julgar por bondade  
A malicia desculpada.  
Move a presença Real  
Huma affeição natural,  
Que logo inclina ao Juiz  
A seu favor: e não diz  
Hum rifão muito geral,  
Que o Abbade donde canta, dahi janta?

E vós bailais a esse som:  
Por isso, gentís pastores,  
Vos chama a vós mercadores  
Hum que só foi pastor bom.

— oOo —

**A JOÃO LOPES LEITÃO, SÔBRE HUMA  
PEÇA DE CACHA QUE MANDOU A HUMA  
DAMA, QUE SE LHE FAZIA DONZELLA**

**Mote**

Se vossa Dama vos dá  
Tudo quanto vós quizestes,  
Dizei-me: p'ra que lhe déstes  
O que vos ella fez ja?

**Volta**

Sendo os restos envidados,  
E vós de cachas mil contos  
Sabeis com quão poucos pontos,  
Que lhos achastes quebrados;  
Se o que tõe, isso vos dá,

Vós mui bem lho merecestes,  
Porque se a cacha lhe déstes  
Tinha-vo-la feita ja.

— oOo —

## MOTE

Menina formosa e crua,  
Bem sei eu  
Quem deixará de ser seu,  
Se vós quizeréis ser sua.

## Voltas

Menina mais que na idade,  
Se para me querer bem  
Vos não vejo ter vontade,  
He porque outrem vo-la tem;  
Têe-vo-la, e faz-vo-la crua.  
Porém eu  
Ja tomára não ser meu,

Se vós não foreis tão sua.

Nos olhos, e na feição  
Vos vi, quando vos olhava,  
Tanta graça, que vos dava  
De graça este coração:  
Não o quizestes de crua,  
Por ser meu:  
Se outrem vos dera o seu,  
Póde ser foreis mais sua.

Menina, tende maneira,  
Que ainda não venha a ser,  
Pois não quereis quem vos quer,  
Que queirais quem vos não queira.  
Olhae não me sejais crua,  
Que pois eu  
Quero ser vosso, e não meu,  
Sêde vós minha, e não sua.

— oOo —

## A HUMA DAMA DOENTE

### Mote

Da doença, em que ora ardeis,  
Eu fôra vossa mézinha  
Só com vós serdes a minha.

### Voltas

He muito para notar  
Cura tão bem acertada,  
Que podereis ser curada  
Somente com me curar.  
Se quereis, Dama, trocar,  
Ambos temos a mézinha,  
Eu a vossa, e vós a minha.

Olhae, que não quer Amor,  
(Porque fiquemos iguais)  
Pois meu ardor não curais,  
Que se cure vosso ardor.  
Eu cá sinto vossa dor;  
E se vós sentis a minha,  
Dae e tomae a mézinha.

— oOo —

## OUTRO

Deo, Senhora, por sentença  
Amor, que fosseis doente,  
Para fazerdes á gente  
Doce e formosa a doença.

## Voltas

Não sabendo Amor curar,  
Foi a doença fazer  
Formosa para se ver,

Doce para se passar.  
Então vendo a diferença  
Que ha de vós a toda a gente,  
Mandou, que fôsseis doente,  
Para glória da doença.

E digo-vos de verdade,  
Que a saude anda invejosa,  
Por ver estar tão formosa  
Em vós essa enfermidade.  
Não façais logo detença,  
Senhora, em estar doente,  
Porque adoecerá a gente,  
Com desejos da doença.

Qu'eu por ter, formosa Dama,  
A doença, qu'em vós vejo,  
Vos confesso, que desejo  
De cahir comvosco em cama.  
Se consentis, que me vença  
Deste mal, não houve gente  
Da saude tão contente,  
Como eu serei da doença.

— oOo —

## AO MESMO

Olhae que dura sentença  
Foi amor dar contra mi!  
Que porqu'em vós me perdi,  
Em vós me busque a doença.  
Claro está,  
Que em vós só me achará;  
Qu'em mi, se me vem buscar,  
Não poderá mais achar,  
Que a fôrma do que foi ja.

Que s'em vós Amor se pôs,  
Senhora, he forçado assi,  
Que o mal, que me busca a mi,  
Que vos faça mal a vós.  
Sem mentir,  
Amor me quiz destruir  
Por modo nunca cuidado,  
Pois ha de ser ja forçado  
Pezar-vos de vos servir.

Mas sois tão desconhecida,



E são meus males de sorte,  
Que vos ameaça a morte,  
Porque me negais a vida.  
Se por boa  
Tal justiça se pregoa;  
Quando desta sorte for,  
Havei vós perdão de Amor,  
Que a parte já vos perdoa.

Mas o que mais temo, emfim,  
He que nesta differença,  
Que se não torne a doença,  
Se me não tornais a mim.  
De verdade,  
Que já vossa humanidade  
De que se queixe não tem;  
Pois para as almas também  
Fez Amor enfermidade.

— oOo —

## A HUMA DAMA VESTIDA DE DÓ

### Mote

De atormentado e perdido,  
Ja vos não peço, senão  
Que tenhais no coração  
O que tendes no vestido.

### Volta

Se de dó vestida andais  
Por quem ja vida não tem  
Porque não o haveis de quem  
Vós tantas vezes matais?  
Que brado sem ser ouvido,  
E nunca vejo senão  
Cruezas no coração,

E grande dó no vestido.

— oOo —

## **A DONA GUIOMAR DE BLASFÉ, QUEIMANDO- SE COM HUMA VÉLA NO ROSTO**

### **Mote**

Amor, que todos offende,  
Teve, Senhora, por gôsto,  
Que sentisse o vosso rosto  
O que nas almas accende.

### **Volta**

Aquelle rosto que traz  
O mundo todo abrazado,  
Se foi da flamma tocado,  
Foi porque sinta o que faz.

Bem sei que Amor se vos rende;  
Porém o seu presupposto  
Foi sentir o vosso rosto  
O que nas almas accende.

— oOo —

## **A HUMA MULHER, AÇOUTADA POR HUM HOMEM, QUE CHAMAVÃO QUARESMA**

### **Mote**

Não estejais aggravada,  
Senão se for de vós mesma;  
Porqu'a mulher, que he errada,  
Com razão pela Quaresma  
Deve ser disciplinada.

### **Voltas**

Quererdes profano amor  
Em Quaresma, he consciencia:  
Açoutes e penitencia  
Vos está muito melhor.  
Não fiqueis disto affrontada,  
Pois a culpa he vossa mesma;  
Que mulher, que he tão malvada,  
He bem que pela Quaresma  
Seja bem disciplinada.

Se a penitencia vos val,  
Mui bem açoutada estais;  
Pois por Quaresma pagais  
Vossos vícios do carnal.  
Não torneis a ser errada,  
Nem condemneis a vós mesma,  
Pois estais ja emendada;  
E não sereis por Quaresma  
Outra vez disciplinada.

## **A HUM FIDALGO, QUE LHE TARDAVA COM HUMA CAMISA, QUE LHE PROMETTEO**

Quem no mundo quizer ser  
Havido por singular,  
Para mais s'engrandecer,  
Ha de trazer sempre o dar  
Nas ancas do prometter.  
E ja que vossa mercê,  
Largueza tõe por divisa,  
Como o mundo todo vê,  
Ha mister que tanto dê,  
Que venha a dar a camisa.

— oOo —

## **A HUMA DAMA, QUE LHE CHAMOU DIABO, POR NOME FOÃ DOS ANJOS**

### **Mote**

Senhora, pois me chamais  
Tão sem razão tão mão nome,  
Inda o diabo vos tome.

### **Voltas**

Quem quer que vio, ou que leo,  
Terá por novo e moderno,  
Ter quem vive no inferno,  
O pensamento no ceo.  
Mas se a vós vos pareceo,  
Que m'estava bem tal nome,  
Esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguem  
Confesso, Senhora, ser;  
Mas o diabo não quer  
Aos Anjos tamanho bem.  
Pois logo não me convem,  
Ou se me convem tal nome,  
Será para que vos tome.

Se vos benzeis com cautella,  
Como de Anjo, e não de luz,  
Mal póde fugir da Cruz,  
Quem vós tendes pôsto nella.  
Mas ja que foi minha estrella  
Ser diabo, e ter tal nome,  
Guardae-vos, que vos não tome.

Ja que chegais tanto ao cabo,  
Com as mãos, postas aos ceos  
Vou sempre pedindo a Deos,  
Que vos leve este diabo.  
Eu, Senhora, não me gabo;  
Mas pois que me dais tal nome,  
Tomo-o, para que vos tome.



— oOo —

## A HUM AMIGO, QUE NÃO PODIA ENCONTRAR

### Mote

Qual terá culpa de nós  
Neste mal, que todo he meu?  
Quando vindes, não vou eu,  
Quando vou, não vindes vós.

### Volta

Reinando Amor em dous peitos,  
Tece tantas falsidades,  
Que de conformes vontades  
Faz desconformes effeitos.  
Igualmente vive em nós;  
Mas por desconcôrto seu  
Vos leva, se venho eu,

Me leva, se vindes vós.

— oOo —

## MOTE SEU

Descalça vai pela neve:  
Assi faz quem Amor serve.

## Voltas

Os privilegios, que os Reis  
Não pódem dar, póde amor,  
Que faz qualquer amador  
Livre das humanas leis.  
Mortes e guerras crueis,  
Ferro, frio, fogo e neve,  
Tudo soffre quem o serve.

Moça formosa despreza  
Todo o frio, e toda a dor.  
Olhae quanto póde Amor

Mais que a propria natureza.  
Medo, nem delicadeza  
Lh'impede que passe a neve.  
Assi faz quem Amor serve.

Por mais trabalhos que leve,  
A tudo se off'receria;  
Passa pela neve fria,  
Mais alva que a propria neve;  
Com todo frio se atreve.  
Vêde em que fogo ferve  
O triste, que a Amor serve.

— oOo —

## OUTRO ALHEIO

A dor que a minha alma sente,  
Não na sabe toda a gente.

**Voltas**

Qu'estranho caso de Amor!  
Que desejado tormento!  
Que venho a ser avarento  
Das dores de minha dor!  
Por me não tratar peor,  
Se se sabe, ou se se sente,  
Não na digo a toda a gente.

Minha dor e causa della  
De ninguém ousar fiar;  
Que sería aventurar  
A perder-me, ou a perdella.  
E pois só com padecella,  
A minha alma está contente,  
Não quero que o saiba a gente.

Ande no peito escondida,  
Dentro n'alma sepultada;  
De mi só seja chorada,  
De ninguém seja sentida.  
Ou me mate, ou me dê vida,  
Ou viva triste ou contente,  
Não ma saiba toda a gente.

— oOo —

## OUTRO SEU

D'alma, e de quanto tiver,  
Quero que me despojeis,  
Com tanto, que me deixeis  
Os olhos para vos ver.

## Volta

Cousa este corpo não tem,  
Que já não tendeis rendida:  
Depois de tirar-lhe a vida,  
Tirae-lhe a morte também.  
Se mais tenho que perder,  
Mais quero que me leveis,  
Com tanto que me deixeis  
Os olhos para vos ver.

## MOTE ALHEIO

Amores de huma casada,  
Que eu vi pelo meu mal.

### Voltas

N'huma casada fui pôr  
Os olhos, de si senhores:  
Cuidei que fossem amores,  
Elles fizeram-se amor.  
Faz-se o desejo maior  
Donde o remedio não val,  
Em perigo de meu mal.

Não me paraceo que Amor  
Pudesse tanto comigo,  
Que donde entra por amigo,  
Se levante por senhor.  
Leva-me de dor em dor,

E de final em final,  
Cada vez para mor mal.

— oOo —

## OUTRO SEU

Enforquei minha esperança;  
Mas Amor foi tão madraço,  
Que lhe cortou o baraço.

## Volta

Foi a esperança julgada  
Por sentença da Ventura,  
Que pois me leve á pendura,  
Que fosse dependurada:  
Vem Cupido com a espada,  
Corta-lhe cerce o baraço.  
Cupido, foste madraço.

— oOo —

## OUTRO SEU

Puz o coração nos olhos,  
E os olhos puz no chão,  
Por vingar o coração.

## Volta

O coração invejoso  
Como dos olhos andava,  
Sempre remoques me dava  
Que não era o meu mimoso:  
Venho eu de piedoso  
Do Senhor meu coração,  
E boto os olhos no chão.



— oOo —

## OUTRO SEU

Puz meus olhos n'huma funda,  
E fiz hum tiro com ella  
Ás grades d'huma janella.

## Volta

Huma Dama, de malvada,  
Tomou seus olhos na mão;  
E tirou-me huma pedrada  
Com elles ao coração.  
Armei minha funda então,  
E puz os meus olhos nella,  
Trape, quebrei-lhe a janella.

— oOo —

## ALHEIO

De pequena tomei amor,  
Porque o não entendi;  
Agora que o conheci,  
Mata-me com desfavor.

## Voltas

Vi-o moço e pequenino,  
E a mesma idade ensina  
Que s'incline huma menina  
Às amostras d'hum menino:  
Ouvi-lhe chamar Amor,  
Pelo nome me venci;  
Nunca tal engano vi,  
Nem tamanho desamor.

Cresceo-me de dia em dia  
Com a idade a affeição,

Porque amor de criação,  
N'alma, e na vida se cria.  
Criou-se em mi este amor,  
E senhoreou-se de mi:  
Agora que o conheci,  
Mata-me com desfavor.

As flores me torna abrolhos,  
A morte me determina  
Quem eu trouxe de menina  
Nas meninas de meus olhos.  
Desta mágoa e desta dor  
Tenho sabido que emfim  
Por amor me perco a mim  
Por quem de mi perde amor.

Parece ser caso estranho  
O que Amor em mi ordena,  
Qu'em idade tão pequena  
Haja tormento tamanho.  
Sejão milagres d'Amor,  
Hei-os de soffrer assi,  
Até que haja dó de mi  
Quem entender esta dor.

## CANTIGA VELHA

Apartarão-se os meus olhos  
De mi tão longe.  
Falsos amores,  
Falsos, maos, enganadores.

### Voltas

Tratarão-me com cautella,  
Por m'enganar mais asinha;  
Dei-lhe posse d'alma minha,  
Forão-me fugir com ella.  
Não ha vê-los, nem ha vella,  
De mi tão longe.  
Falsos amores,  
Falsos, maos, enganadores!

Entreguei-lhe a liberdade,  
E, emfim, da vida o melhor;

Forão-se; e do desamor  
Fizerão necessidade.  
Quem teve a sua vontade  
De si tão longe?  
Falsos amores,  
E oxalá enganadores!

— oOo —

## OUTRA

Falso Cavalheiro, ingrato,  
Enganais-me,  
Vós dizeis, que eu vos mato,  
E vós matais-me.

## Voltas

Costumadas artes são  
Para enganar innocencias,  
Piedosas apparencias  
Sôbre isento coração.

Eu vos amo, e vós ingrato  
Magoais-me,  
Dizendo, que eu vos mato,  
E vós matais-me.

Vêde agora qual de nós  
Anda mais perto do fim,  
Que a justiça faz-se em mim,  
E o pregão diz que sois vós.  
Quando mais verdade trato  
Levantais-me  
Que vos desamo e vos mato,  
E vós matais-me.

— oOo —

## PRÓPRIO

Se de meu mal me contento,  
He porque para vós vejo  
Em todo o mundo desejo,  
E em ninguém merecimento.

## **Volta**

Para quem vos soube olhar  
Tão impossível foi ser  
O poder-vos merecer,  
Como o não vos desejar.  
Pois logo a meu pensamento  
Nenhum remedio lhe vejo,  
Senão se der o desejo  
Azas ao merecimento.

— oOo —

## **ALHEIO**

Vós, Senhora, tudo tendes,  
Senão que tendes os olhos verdes.

## **Voltas**

Dotou em vós natureza  
O summo da perfeição;  
Que o qu'em vós he senão,  
He em outras gentileza:  
O verde não se despreza,  
Que, agora que vós os tendes,  
São bellos os olhos verdes.

Ouro e azul he a melhor  
Côr, por que a gente se perde;  
Mas a graça desse verde  
Tira a graça a toda côr.  
Fica agora sendo a flor  
A côr, que nos olhos tendes,  
Porque são vossos e verdes.

**— oOo —**

**ALHEIO**



Para que me dan tormento,  
Aprovechando tan poco?  
Perdido, mas no tan loco,  
Que descubra lo que siento.

## **Voltas**

Tiempo perdido es aquel  
Que se passa en darme afan,  
Pues cuanto más me lo dan,  
Tanto menos siento dél.  
Que descubra lo que siento?  
No lo haré, que no es tan poco;  
Que no puede ser tan loco  
Quien tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda Amor,  
Que de tan dulce querella,  
A nadie dé parte della,  
Porque la sienta mayor.  
Es tan dulce mi tormento,  
Que aun se me antoja poco;  
Y si es mucho, quedo loco  
De gusto de lo que siento.

— oOo —

## ALHEIO

De vuestros ojos centellas,  
Que encienden pechos de hielo,  
Suben por el aire al cielo,  
Y en llegando son estrellas.

## Voltas

Falsos loores os dan,  
Que esas centellas tan raras  
No son nel cielo mas claras  
Que en los ojos donde estan.  
Porque cuando miro en ellas  
Lo como alumbran al suelo,  
No sé que seran nel cielo;  
Mas sé que acá son estrellas.

Ni se puede presumir  
Que al cielo suban, Señora;

Que la lumbré que en vós mora,  
No tiene más que subir;  
Mas pienso que dan querellas  
Á Dios nel octavo cielo,  
Porque son acá en el suelo  
Dos tan hermosas estrellas.

— oOo —

## ALHEIO

De dentro tengo mi mal,  
Que de fuera no hay señal.

## Volta

Mi nueva y dulce querella  
Es invisible á la gente;  
El alma sola la siente,  
Que el cuerpo no es dino della.  
Como la viva centella  
Se encubre en el pedernal,

De dentro tengo mi mal.

— oOo —

## ALHEIO

Amor loco, amor loco,  
Yo por vós, y vós por otro.

## Voltas

Dióme Amor tormentos dós,  
Para que pene dobrado;  
Uno es verme desamado,  
Otro es mancilla de vós.  
Ved que ordena Amor en nós!  
Porque vós haceisme loco,  
Que seais loca por otro.

Tratais Amor de manera,  
Que porque así me tratais,  
Quiere que, pues no me amais,

Que ameis otro que no os quiera.  
Mas con todo, si no os viera  
De todo loca por otro,  
Con mas razon fuera loco.

Y tan contrario viviendo,  
Alfin, alfin, conformamos;  
Pues ambos a dós buscamos  
Lo que mas nos vá huyendo.  
Voy tras vós siempre siguiendo,  
Y vós huyendo por otro:  
Andais loca, y me haceis loco.

— oOo —

## ALHEIO

Vêde bem se nos meus dias  
Os desgostos vi sobejos,  
Pois tenho medo a desejos,  
E quero mal a alegrias.

## **Volta**

Se desejos fui já ter,  
Servirão de atormentar-me;  
Se algum bem pôde alegrar-me,  
Quiz-me antes entristecer.  
Passei annos, passei dias  
Em desgostos tão sobejos,  
Que só por não ter desejos,  
Perderei mil alegrias.

— oOo —

## **PROPIO**

Pois he mais vosso que meu,  
Senhora, meu coração,  
Eu vosso captivo são,  
Meus olhos, lembre-vos eu.

## **Volta**

Lembre-vos minha tristeza,  
Que jamais nunca me deixa;  
Lembre-vos com quanta queixa  
Se queixa minha firmeza:  
Lembre-vos que não he meu  
Este triste coração;  
E pois ha tanta razão,  
Meus olhos, lembre-vos eu.

— oOo —

## **OUTRO**

Senhora, pois minha vida  
Tendes em vosso poder;  
Por serdes della servida,  
Não queirais que destruida  
Possa ser.

## **Volta**

Isto não por me pezar  
De morrer, se vós quizerdes;  
Que melhor me he acabar  
Mil vezes, que supportar  
Os males que me fizerdes;  
Mas só por serdes servida  
De mi, em quanto viver,  
Vos peço que minha vida  
Não queirais que destruida  
Possa ser.

— oOo —

## **OUTRO**

Pois damno me faz olhar-vos,  
Não quero, por não perder-vos,  
Que ninguém me veja ver-vos.



## Voltas

De ver-vos a não vos ver  
Ha dous extremos mortaes;  
E são elles em si taes,  
Que hum por hum me faz morrer;  
Mas antes quero escolher,  
Que possa viver sem ver-vos,  
Minh'alma, por não perder-vos.

Deste tamanho perigo  
Que remedio posso ter,  
Se vivo só com vos ver,  
Se vos não vejo, perigo?  
Mas quero acabar comigo,  
Que ninguem me veja ver-vos,  
Senhora, por não perder-vos.

— oOo —

## A TRES DAMAS, QUE LHE DIZIÃO QUE O AMAVÃO

### Mote

Não sei se m'engana Helena,  
Se Maria, se Joanna;  
Não sei qual dellas m'engana.

### Voltas

Huma diz que me quer bem,  
Outra jura que me quer;  
Mas em jura de mulher  
Quem crerá, se ellas não crem?  
Não posso não crer a Helena,  
A Maria, nem Joanna;  
Mas não sei qual mais m'engana.

Huma faz-me juramentos  
Que só meu amor estima,  
A outra diz que se fina,  
Joanna, que bebe os ventos.  
Se cuido que mente Helena,  
Tambem mentirá Joanna;  
Mas quem mente não m'engana.

— oOo —

## **A HUMA DAMA MAL EMPREGADA**

### **Mote**

Menina, não sei dizer,  
Vendo-vos tão acabada,  
Quão triste estou por vos ver  
Formosa e mal empregada.

## Voltas

Quem tão mal vos empregou,  
Pouco de mi se dohia,  
Pois não vio o quanto me hia  
Em tirar-me o que tirou.  
Obriga o primor que tem  
Lindeza tão extremada  
Que digão quantos a vem,  
Formosa e mal empregada!

Tomastes da formosura  
Quanto della desejastes,  
E com ella me guardastes  
Para tão triste ventura.  
Mataveis sendo solteira,  
Matais agora em casada;  
Matais de toda a maneira,  
Formosa e mal empregada.

— oOo —

## **A HUMA Foãa Gonçalves**

### **Mote**

Com vossos olhos, Gonçalves,  
Senhora, captivo tendes  
Este meu coração Mendes.

### **Volta**

Eu sou boa testemunha,  
Que Amor tem por cousa má,  
Que olhos, que são homens ja,  
Se nomeiem sem alcunha;  
Pois o coração apunha,  
E diz, olhos, pois vós tendes,  
Chamae-me coração Mendes.

— oOo —

## OUTRO

De que me serve fugir  
De morte, dor e perigo,  
Se me eu levo comigo?

## Voltas

Tenho-me persuadido,  
Por razão conveniente,  
Que não posso ser contente,  
Pois que pude ser nascido.  
Anda sempre tão unido  
O meu tormento comigo,  
Qu'eu mesmo sou meu perigo.

E se de mi me livrasse,  
Nenhum gôsto me seria:  
Quem, senão eu, não teria  
Mal, que esse bem me tirasse?

Fôrça he logo que assi passe,  
Ou com desgôsto comigo,  
Ou sem gôsto e sem perigo.

— oOo —

## **A HUMA DAMA, QUE JURAVA PELOS SEUS OLHOS**

Quando me quer enganar  
A minha bella perjura,  
Para mais me confirmar  
O que quer certificar,  
Polos seus olhos me jura.  
Como meu contentamento  
Todo se rege por elles,  
Imagina o pensamento,  
Que se faz agravo a elles  
Não crer tão grão juramento.

Porém como em casos tais  
Ando ja visto e corrente,  
Sem outros certos sinais,  
Quanto me ella jura mais,

Tanto mais cuido que mente.  
Então vendo-lhe offender  
Huns taes olhos como aquelles,  
Deixo-me antes tudo crer,  
Só pola não constranger  
A jurar falso por elles.

— oOo —

## MOTE ALHEIO

Ha hum bem, que chega e foge;  
E chama-se este bem tal,  
Ter bem para sentir mal.

## Volta

Quem viveo sempre n'hum ser,  
Inda que seja em pobreza,  
Não vio o bem da riqueza,  
Nem o mal d'empobrecer:  
Não ganhou para perder;



Mas ganhou com vida igual  
Não ter bem, nem sentir mal.

— oOo —

## **A HUMA DAMA, QUE LHE VIROU O ROSTO**

### **Mote**

Olhos, não vos mereci  
Que tenhais tal condição,  
Tão liberaes para o chão,  
Tão irosos para mi.

### **Volta**

Baixos e honestos andais,  
Por vos negardes a quem  
Não quer mais que aquelle bem,  
Que vós no chão espalhais?

Se pouco vos mereci,  
Não m'estimeis mais que o chão,  
A quem vós o galardão  
Dais, e mo negais a mi.

— oOo —

## PRÓPRIO

Venceo-me Amor, não o nego;  
Têe mais fôrça qu'eu assaz;  
Que como he cego e rapaz,  
Dá-me porrada de cego.

## Volta

Só porque he rapaz ruim,  
Dei-lhe hum bofête zombando.  
Diz-me: Ó mao, estais me dando,  
Porque sois maior que mim?  
Pois se eu vos descarrégo,  
E em dizendo isto, chaz;

Torna-me outra; tá rapaz,  
Que dás porrada de cego.

— oOo —

## **AO DESCONCERTO DO MUNDO**

Os bons vi sempre passar  
No mundo graves tormentos;  
E para mais m'espantar,  
Os maos vi sempre nadar  
Em mar de contentamentos.  
Cuidando alcançar assi  
O bem tão mal ordenado,  
Fui mao; mas fui castigado.  
Assi, que só para mi  
Anda o mundo concertado.

— oOo —

## **A HUMA DAMA, PERGUNTANDO- LHE QUEM O MATAVA**

### **Mote**

Perguntais-me, quem me mata?  
Não quero responder nada,  
Por vos não fazer culpada.

### **Volta**

E se a penna não me atia,  
A dizer pena tão forte,  
Quero-me entregar á morte,  
Antes que a vós á justiça.  
Porém se tendes cobiça  
De vos verdes tão culpada,  
Direi que não sinto nada.

— oOo —

## MOTE

Esconjuro-te, Domingas,  
Pois me dás tanto cuidado,  
Que me digas se te vingas,  
Viverei menos penado.

## Voltas

Juravas-me, que outras cabras  
Folgavas de apascentar;  
Eu por não me magoar,  
Fingia qu'erão palavras.  
Agora d'arte te vingas  
D'algum meu doudo peccado,  
Qu'inda que queiras, Domingas,  
Não posso ser enganado.

Qualquer cousa busca o seu;

A fonte vai para o Tejo,  
E tu para o teu desejo,  
Por te vingares do meu.  
De mi t'esqueces, Domingas,  
Como eu faço do meu gado:  
Praza a Deos, que se te vingas,  
Que morra desesperado.

Na phantasia te pinto,  
Fallo-te, responde o monte,  
Busco o rio, busco a fonte,  
Endoudeço, e não o sinto:  
Domingas no valle brado,  
Responde o eco Domingas;  
E tu inda te não vingas  
De me ver doudo tornado!

— oOo —

## ALHEIO

Se a alma ver-se não póde  
Onde pensamentos ferem,  
Que farei para me crerem?

## **Voltas**

Se n'alma huma só ferida  
Faz na vida mil sinais,  
Tanto se descobre mais,  
Quanto he mais escondida.  
S'esta dor tão conhecida  
Me não vem, porque não querem,  
Que farei para ma crerem?

Se se pudesse bem ver  
Quanto callo, e quanto sento,  
Despois de tanto tormento  
Cuidaria alegre ser.  
Mas se não me querem crer  
Olhos, que tão mal me ferem,  
Que farei para me crerem?

— oOo —

**ALHEIO**

Vosso bem querer, Senhora,  
Vosso mal melhor me fôra.

## **Voltas**

Ja agora certo conheço  
Ser melhor todo tormento,  
Onde o arrependimento  
Se compra por justo preço.  
Enganou-me hum bom comêço;  
Mas o fim me diz agora  
Que o mal melhor me fôra.

Quando hum bem he tão damnoso,  
Que sendo bem, dá cuidado,  
O damno fica obrigado  
A ser menos perigoso.  
Mas se a mi por desditoso,  
Co'o bem me foi mal, Senhora,  
Co'o vosso mal bem me fôra.



— oOo —

## ALHEIO

Se me desta terra for,  
Eu vos levarei, amor.

## Voltas

Se me for, e vos deixar,  
(Ponho por caso, que possa)  
Est'alma minha, qu'he vossa,  
Comvosco m'ha de ficar.  
Assi que só por levar  
A minha alma, se me for,  
Vos levarei, meu amor.

Que mal póde maltratar-me,  
Que comvosco seja mal?  
Ou que bem póde ser tal,  
Que sem vós possa alegrar-me?  
O mal não póde enojar-me,

O bem me será maior,  
Se vos levar, meu amor.

— oOo —

## ALHEIO

Pequenos contentamentos,  
Hi buscar quem contenteis,  
Que a mi não me conheceis.

## Voltas

Os gostos, que tantas dores  
Fizerão ja valer menos,  
Não os acceita pequenos,  
Quem nunca teve maiores:  
Bem parecem vãos favores,  
Pois tão tarde me quereis,  
Qu'inda me não conheceis.

Offereceis-me alegria,

Tendo-me já cego e mouco:  
He baixeza acceitar pouco,  
Quem tanto vos merecia.  
Ide-vos por outra via,  
Pois o bem que me deveis,  
Nunca mo satisfareis.

— oOo —

## ALHEIO

Perdigão perdeu a penna,  
Não ha mal que lhe não venha.

## Voltas

Perdigão, que o pensamento  
Subio a hum alto lugar,  
Perde a penna do voar,  
Ganha a pena do tormento:  
Não tõe no ar, nem no vento,  
Azas com que se sustenha:

Não ha mal que lhe não venha.

Quiz voar a huma alta torre,  
Mas achou-se desasado;  
E vendo-se despennado,  
De puro penado morre.  
Se a queixumes se soccorre,  
Lança no fogo mais lenha:  
Não ha mal que lhe não venha.

— oOo —

## **A HUMAS SENHORAS, QUE HAVIÃO SER TERCEIRAS PARA COM HUMA DAMA**

Pois a tantas perdições,  
Senhoras, quereis dar vida,  
Ditosa seja a ferida,  
Que tõe taes Cirurgiões!  
Pois ventura  
Me subio a tanta altura,  
Que me sejais valedoras,  
Ditosa seja a tristura,  
Que se cura

Por vossos rogos, Senhoras!

Ser minha pena mortal,  
Ja qu'entendeis, que he assi,  
Não quero fallar por mi,  
Que por mi falla meu mal.  
Sois formosas,  
Haveis de ser piedosas,  
Por ser tudo d'huma côr;  
Que pois Amor vos fez rosas  
Milagrosas,  
Fazei milagres de Amor.

Pedi a quem vós sabeis,  
Que saiba de meu trabalho,  
Não pelo qu'eu nisso valho,  
Mas pelo que vós valeis.  
Que o valer  
De vosso alto merecer,  
Com lho pedir de gíolhos,  
Fara qu'em meu padecer  
Possa ver  
O poder que tõe seus olhos.

Vossa muita formosura  
Com a sua tanto val,  
Que me rio de meu mal,  
Quando cuido em quem me cura.  
A meus ais,

Peço-vos que lhe valhais,  
Damas de Amor tão válidas,  
Que nunca tal dor sintais,  
Que queirais,  
Onde não sejais queridas.

— oOo —

## **CANTIGA ALHEIA**

Na fonte está Leonor  
Lavando a talha, e chorando,  
Às amigas perguntando:  
Vistes lá o meu amor?

### **Voltas**

Pôsto o pensamento nelle,  
Porque a tudo o Amor a obriga,  
Cantava, mas a cantiga  
Erão suspiros por elle.  
Nisto estava Leonor

O seu desejo enganando,  
Às amigas perguntando:  
Vistes lá o meu amor?

O rosto sôbre hũa mão,  
Os olhos no chão pregados,  
Que de chorar ja cansados,  
Algun descanso lhe dão;  
Desta sorte Leonor  
Suspende de quando em quando  
Sua dor; e em si tornando,  
Mais pezada sente a dor.

Não deita dos olhos ágoa,  
Que não quer que a dor s'abrande  
Amor, porque em mágoa grande  
Sécca as lagrimas a mágoa.  
Depois que de seu amor  
Soube novas perguntando,  
D'improviso a vi chorando.  
Olhae que extremos de dor!

**ESTAS TROVAS MANDOU O AUTOR DA  
CADEIA, EM QUE O TINHA EMBARGADO  
POR HUMA DIVIDA MIGUEL ROIZ, FIOS  
SECOS D'ALCUNHA, AO CONDE DO  
REDONDO D. FRANCISCO COUTINHO, VISO-  
REI, QUE SE EMBARCAVA PARA FÓRA,  
PEDINDO-LHE O FIZESSE DESEMBARGAR**

Que diabo ha tão damnado,  
Que não tema a cutilada  
Dos fios seccos da espada  
Do fero Miguel armado?  
Pois se tanto hum golpe seu  
Sôa na infernal cadeia;  
Do que o demonio arreceia  
Como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria,  
Se contr'elle, e contra tudo  
Não tivesse hum forte escudo  
Só em Vossa Senhoria.



Por tanto, Senhor, proveja,  
Pois me tõe ao remo atado,  
Que antes que seja embarcado,  
Eu desembargado seja.

— oOo —

**ESTAS TROVAS MANDOU HEITOR  
DA SILVEIRA AO MESMO  
CONDE, INVERNANDO EM GOA**

Vossa Senhoria creia  
Que não apura o engenho  
Fome, se he como a que tenho,  
Mas afraca e corta a veia.  
E quem o contrário sente,  
Está farto em toda a hora,  
Como estou faminto agora:  
Mas Martha, se está contente,  
Dá-lhe pouco de quem chora.

E pois Vossa Senhoria  
Em geral a tudo acode,  
Acuda a mi, que só póde

Dar-me no engenho valia.  
Esperte esta Musa minha,  
Que o tempo traz somnolenta;  
Valha-lhe nesta tormenta  
Com essa doce mézinha,  
Que só dá vida e contenta.

Acuda com provisão,  
Não de papel, mas provída  
D'ouro e prata; que esta vida  
Não sustentão papéis, não.  
De feitor a thesoureiro  
Ser-me-hia trabalho grande;  
Vossa Senhoria mande  
Algum remedio, primeiro,  
Com que a morte o ferro abrande.

## **Ajuda de Luis de Camões**

Nos livros doutos se trata  
Que o grande Achilles insano  
Deo a morte a Heitor Troiano;  
Mas agora a fome mata  
O nosso Heitor Lusitano.  
Só ella o póde acabar,  
Se essa vossa condição

Liberal e singular  
Não mete entr'elles bastão,  
Bastante para o fatar.

— oOo —

## **A HUMA SENHORA, QUE LHE CHAMOU DIABO**

### **Esparsa**

Não posso chegar ao cabo  
De tamanho desarranjo,  
Que sendo vós, Senhora, Anjo,  
Vos queira tanto o Diabo.  
Dais manifesto sinal  
De minha muita firmeza,  
Que os diabos querem mal  
Aos Anjos por natureza.

— oOo —

## CANTIGA

Vi chorar huns claros olhos,  
Quando delles me partia.  
Oh que mágoa! Oh que alegria!

### **Voltas**

Polo meu apartamento  
Se arrazárão todos d'ágoa.  
Quem cuidou qu'em tanta mágoa  
Achasse contentamento?  
Julgue todo entendimento  
Qual mais sentir se devia,  
Se esta dor, se esta alegria?

Quando mais perdido estive,  
Então deo a est'alma minha  
Na maior mágoa que tinha,  
O maior gôsto que tive.

Assi, se minha alma vive,  
Foi porque me defendia  
Desta dor esta alegria?

O bem, que Amor me não deu  
No tempo que desejei,  
Quando delle me apartei,  
Me confessou, qu'era meu.  
Agora que farei eu,  
Se a fortuna me desvia  
De lograr esta alegria?

Não sei se foi enganado,  
Pois me tinha defendido  
Das íras de mal querido,  
No mal de ser apartado.  
Agora peno dobrado,  
Achando no fim do dia  
O princípio da alegria.

— oOo —

## VILLANCETE PASTORIL

Deos te salve, Vasco amigo.

Não me fallas? Como assi?  
Bofé, Gil, não 'stava aqui.

## **Voltas**

Pois onde te hão de fallar,  
Se não 'stás onde appareces?  
Se Magdanela conheces,  
Nella me pódes achar.  
E como te hão d'ir buscar  
Aonde fogem de ti?  
Pois nem eu estou em mi.

Porque te não acharei  
Em ti, como em Magdanela?  
Porque me fui perder nella  
O dia que me ganhei.  
Quem tão bem falla, não sei  
Como anda fóra de si.  
Ella falla dentro em mi.

Como estás aqui presente,  
Se lá tens a alma e a vida?  
Porqu'he d'hum'alma perdida  
Apparecer sempre á gente.  
Se es morto, bem se consente

Que todos fujaõ de ti.  
Eu tambem fujo de mi.

— oOo —

## OUTRO PASTORIL

Porque no miras, Giraldo,  
Mi zampoña como suena?  
Porque no me mira Elena.

### **Voltas**

Vuelve acá, no estês pasmado,  
Mira que gentil sonar!  
Como te podrá mirar  
Quien no puede ser mirado?  
Y que bueno enamorado!  
No dirás, si es mala, o buena?  
No, que me hizo mudo Elena.

Mira tan dulce armonía,

Déjate desses enojos.  
Tengo clavados los ojos  
Con que mirar te podia.  
Ansí Dios te dé alegría:  
No vés cuan dulce que suena?  
No, porque no veo Elena.

— oOo —

## OUTRO PASTORIL

Crescem, Camilla, os abrolhos  
De chorares por Cincero:  
Não he muito, que lhe quero,  
Belisa, mais que meus olhos.

## Voltas

Sempre os teus olhos estão,  
Camilla, d'ágoas banhados.  
De se verem desamados  
Póde ser que chorarão.



Si, mas crescem os abrolhos,  
E tu cegas por Cincero.  
S'eu não vejo quem mais quero,  
Para que quero mais olhos?

Se se foi ha mais d'hum mês,  
Teus olhos não cansarão?  
Não, que apos elle se vão  
Estas lagrimas que vês.  
Fazem logo estes abrolhos  
O mato espinhoso e fero.  
Pois eu não vejo a Cincero,  
Isso só verão meus olhos.

Chorando queres morrer?  
Mais quero viver chorando.  
Tu não vês que vás cegando?  
Se cego, como hei de ver?  
Põe na vista outros antolhos.  
Não posso, nem menos quero.  
Outra para outro Cincero,  
Antes não quero ter olhos.

— oOo —

## **A HUMA MULHER, QUE SE CHAMAVA GRACIA DE MORAES**

### **Mote**

Olhos, em qu'estão mil flores,  
E com tanta graça olhais,  
Que parece que os Amores  
Morão onde vós morais.

### **Volta**

Vem-se rosas e boninas,  
Olhos, nesse vosso ver;  
Vem-se mil almas arder  
No fogo dessas meninas.  
E di-lo-hão minhas dores,  
Meus suspiros e meus ais;

E dirão mais, que os amores  
Morão onde vós morais.

— oOo —

## MOTE

Quem se confia em huns olhos,  
Nas meninas delles vê  
Que meninas não tõe fé.

## Voltas

Quem põe suas confianças  
Em meninas sem assento,  
Offereça o soffrimento  
A duzentas mil mudanças.  
Mostrão no ar esperanças;  
Mas em seus olhos se vê  
Como não tõe n'alma fé.

Enganão ao parecer,

Porque no caso d'amar,  
São mulheres no matar,  
E meninas no querer.  
Quem em seus olhos se crer,  
Cem mil graças nelles vê;  
Vê-las sim, mas não ter fé.

Amostrão-vos n'hum momento  
Favores assi a mólhos;  
Mas na mudança dos olhos  
Se lhe muda o pensamento.  
Em nada ja tõe assento,  
E o que mais nelles se vê  
He formosura sem fé.

— oOo —

## **LOUVANDO E DESLOUVANDO UMA DAMA**

### **Cantiga Velha**

Sois formosa, e tudo tendes,  
Senão que tendes os olhos verdes,

## Voltas

Ninguém vos póde tirar  
Serdes tão bem assombrada;  
Mas heis-me de perdoar,  
Que os olhos não valem nada.  
Fostes mal aconselhada  
Em querer que fossem verdes:  
Trabalhae de os esconderdes.

A vossa testa he jardim,  
Onde Amor se desenfada;  
He tão branca e bem talhada,  
Que parece de marfim.  
Assi he; e quanto a mim,  
Isso vos nasce de a terdes  
Tão perto dos olhos verdes.

Os cabellos desatados  
O mesmo sol escurecem;  
Senão que por ser ondados,  
Algun tanto desmerecem:  
Mas á fé, que se parecem  
A furto dos olhos verdes,  
Não vos peze, não, de os terdes.

As pestanas tõe mostrado  
Ser raios, que abração vidas:  
Se não forão tão compridas,  
Tudo o mais era pintado:  
Ellas me tinham levado  
A alma, sem o vós saberdes,  
Se não forão os olhos verdes.

O mimo desse carão  
Nem pôr-lhe os olhos consente:  
O ser liso e transparente  
Rouba todo o coração:  
Inda assi achareis nação,  
Que lhe não peze de os verdes;  
Mas não seja co'os olhos verdes.

Esse riso, que he compôsto  
De quantas graças nascêrão,  
Senão que alguns me disserão,  
Vos faz covinhas no rôsto.  
Na vontade tenho posto  
Dar-vos a alma, se quizerdes,  
A trôco dos olhos verdes.

Nunca se vio, nem se escreve  
Boca co'huma graça igual,  
Se não fôra de coral,  
E os dentes de côr de neve.

Dou-me eu a Deos, que me leve!  
Soffrerei quanto tiverdes,  
Não me tenhais olhos verdes.

Essa garganta merece  
Outras palavras não minhas,  
Senão qu'he feita em rosquinhas  
D'alfenim, ao que parece.  
Eu sei bem quem se offerece  
A tomar tudo o que tendes,  
E tambem os olhos verdes.

Essas mãos são ferropeas:  
Só o vê-las enfeitiça;  
Senão que são alvas, cheias,  
E tõe a feição roliça;  
Com que appellais por justiça,  
Para com ellas prenderdes  
Quem vê vossos olhos verdes.

A vossa galantaria  
Matará a quem fallardes:  
Tendes huns desdens e tardes,  
Que eu logo vos roubaria.  
Oh dou-me a Santa Maria!  
Sou cujo de quanto tendes,  
E tambem desses olhos verdes.

## AO MESMO

Tudo tendes singular,  
Com que os corações rendeis,  
Senão que rindo, fazeis  
Covinhas para enterrar:  
E para resuscitar  
Têe força a graça que tendes;  
Senão que tendes os olhos verdes.

Tudo, Senhora, alcançais,  
Quanto o ser formosa alcança,  
Senão que dais esperança  
Co'os olhos com que matais.  
Se acaso os alevantais,  
He para as almas renderdes;  
Senão que tendes os olhos verdes.



— oOo —

**A DOM ANTONIO, SENHOR DE CASCAES, QUE  
TENDO-LHE PROMETTIDO SEIS GALLINHAS  
RECHEADAS POR HUMA COPLA QUE LHE  
FIZERA, LHE MANDOU POR PRINCÍPIO  
DA PAGA MEIA GALLINHA RECHEADA**

Cinco gallinhas e meia  
Deve o Senhor de Cascais;  
E a meia vinha cheia  
De appetite para as mais.

— oOo —

**MOTE**

Catharina bem promette;  
Ora má! como ella mente!

## Voltas

Catharina he mais formosa  
Para mi, que a luz do dia;  
Mas mais formosa sería,  
Se não fosse mentirosa.  
Hoje a vejo piedosa,  
Á manhã tão differente,  
Que sempre cuido que mente.

Prometteo-me hontem de vir,  
Nunca mais appareceo;  
Creio que não prometteo,  
Senão só por me mentir.  
Faz-me, emfim, chorar e rir;  
Rio, quando me promette,  
Mas choro quando me mente.

Jurou-me aquella cadella  
De vir, pela alma que tinha;  
Enganou-me; tinha a minha;  
Deo-lhe pouco de perdella.  
A vida gasto apos ella,  
Porque ma dá, se promette,  
Mas tira-ma, quando mente.

Má, mentirosa, malvada,  
Dizei, porque me mentis?  
Prometteis, e então fugis?  
Pois sem tornar, tudo he nada.  
Não sois bem aconselhada;  
Que quem promete, se mente,  
O que perde não o sente.

Tudo vos consentiria  
Quanto quizesseis fazer,  
Se este vosso prometter  
Fosse por me ter hum dia.  
Todo então me desfaria  
Com gôsto; e vós de contente,  
Zombarieis de quem mente.

Mas pois folgais de mentir,  
Promettendo de me ver,  
Eu vos deixo o prometter,  
Deixae-me vós o servir:  
Haveis então de sentir  
Quanto a minha vida sente  
O servir a quem lhe mente.

Catharina me mentio  
Muitas vezes, sem ter lei,  
E todas lhe perdoei  
Por huma só que cumprio.

Se como me consentio  
Fallar-lhe, o mais me consente,  
Nunca mais direi que mente.

— oOo —

## MOTE

A alma, qu'está offrecida  
A tudo, nada lhe he forte;  
Assi passa o bem da vida,  
Como passa o mal da morte.

## Volta

De maneira me succede  
O que temo, e o que desejo,  
Que sempre o que temo, vejo,  
Nunca o que a vontade pede.  
Tenho tão offerecida  
Alma e vida a toda a sorte,  
Que isso me dera da morte,

Como já me dá da vida.

— oOo —

## **MOTE**

Ferro, fogo, frio e calma,  
Todo o mundo acabarão;  
Mas nunca vos tirarão,  
Alma minha, da minha alma.

## **Volta**

Não vos guardei, quando vinha,  
Em torre, fôrça, ou engenho;  
Que mais guardada vos tenho  
Em vós, que sois alma minha.  
Alli nem frio, nem calma,  
Não podem ter jurdição;  
Na vida sim, porém não  
Em vós que tenho por alma.

— oOo —

## MOTE

Esperei, ja não espero  
De mais vos servir, Senhora;  
Pois me fazeis cada hora  
Tanto mal, que desespero.

## Volta

Pois sei certo que folgais,  
Quando mais mal me fazeis,  
E que nunca descansais,  
Senão quando me mostrais  
Quão pouco bem me quereis;  
Servir-vos mais não espero  
Pois meu viver empeora  
Com me fazerdes, Senhora,  
Tanto mal, que desespero.

## MOTE

Descalça vai para a fonte  
Leonor pela verdura;  
Vai formosa, e não segura.

## Voltas

Leva na cabeça o pote,  
O testo nas mãos de prata,  
Cinta de fina escarlata,  
Sainho de chamalote:  
Traz a vasquinha de cote,  
Mais branca que a neve pura;  
Vai formosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,  
Cabellos de ouro entrançado,  
Fita de côr d'encarnado,  
Tão linda que o mundo espanta:

Chove nella graça tanta,  
Que dá graça á formosura;  
Vai formosa, e não segura.

— oOo —

## MOTE

Quem disser que a barca pende,  
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

## Voltas

Se vos quereis embarcar,  
E para isso estais no caes,  
Entrae logo: que tardaes?  
Olhae qu'está preamar:  
E se outrem, por vos fretar,  
Vos disser qu'esta que pende,  
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

Esta barca he de carreira;



Têe seus apparelhos novos:  
Não ha como ella outra em Povos  
Boa de leme, e veleira:  
Mas, se por ser a primeira,  
Vos disser alguém que pende,  
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

— oOo —

## MOTE

Com razão queixar-me posso  
De vós, que mal vos queixais;  
Pois, Senhora, vos sangrais,  
Que seja n'hum corpo vosso.

## Voltas

Eu para levar a palma,  
Com que ser vosso mereça,  
Quero que o corpo padeça  
Por vós, que delle sois alma.

Vós do corpo vos queixais,  
Eu queixar-me de vós posso,  
Porque, tendo hum corpo vosso,  
Na minha alma vos sangrais.

E sem fazer differença  
No que de mi possuis,  
Pelo pouco que sentis,  
Dais á minh'alma doença.  
Porque dous aventurais?  
Oh não seja o damno nosso!  
Sangre-se este corpo vosso,  
Porque, minha alma, vivais.

E inda, se attentardes bem,  
Seguis medicina errada,  
Porque para ser sangrada  
Hum'alma sangue não tem.  
E pois em mi sarar posso  
Males, que á minha alma dais,  
Se inda outra vez vos sangrais,  
Seja neste corpo vosso.

— oOo —

## MOTE

Ojos, herido me habeis,  
Acabad ya de matarme;  
Mas muerto volved á mirarme,  
Porque me resusciteis.

## Voltas

Pues me distes tal herida,  
Con gana de darme muerte,  
El morir me es dulce suerte,  
Pues con morir me dais vida.  
Ojos, qué os deteneis?  
Acabad ya de matarme;  
Mas muerto volved á mirarme,  
Porque me resusciteis.

La llaga cierto ya es mia,  
Aunque, ojos, vós no querrais;

Mas si la muerte me dais,  
El morir me es alegría.  
Y así digo que acabeis,  
O ojos, ya de matarme;  
Mas muerto volved á mirarme,  
Porque me resusciteis.

— oOo —

## **A DONA FRANCISCA DE ARAGÃO, QUE LHE MANDOU GLOSAR ESTE VERSO:**

Mas porém a que cuidados?  
Tanto maiores tormentos  
Forão sempre os que soffri,  
Daquillo que cabe em mi,  
Que não sei que pensamentos  
São os para que nasci.  
Quando vejo este meu peito  
A perigos arriscados  
Inclinado, bem suspeito  
Que a cuidados sou sujeito,  
*Mas porém a que cuidados?*

## **Ao mesmo**

Que vindes em mi buscar,  
Cuidados, que sou captivo?  
Eu não tenho que vos dar:  
Se vindes a me matar,  
Ja ha muito que não vivo:  
Se vindes, porque me dais  
Tormentos desesperados,  
Eu, que sempre soffri mais,  
Não digo que não venhais;  
*Mas porém a que cuidados?*

## **Ao mesmo**

Se as penas que Amor me deu,  
Vem por tão suaves meios,  
Não ha que temer receios;  
Que val hum cuidado meu  
Por mil descansos alheios.  
Ter n'huns olhos tão formosos  
Os sentidos enlevados,  
Bem sei qu'em baixos estados  
São cuidados perigosos;

*Mas porém a que cuidados?..*

## **Carta com a glosa acima**

Deixei-me enterrar no esquecimento de v. m. crendo me sería assi mais seguro: mas agora que he servida de me tornar a resuscitar, por me mostrar seus poderes, lembro-lhe que huma vida trabalhosa he menos de agradecer, que huma morte descansada. Mas se esta vida, que agora de novo me dá, for para ma tornar a tomar, servindo-se della, não me fica mais que desejar, que poder acertar com este mote de v. m., ao qual dei tres entendimentos, segundo as palavras delle pudérão soffrer: se forem bons, he mote de v. m.: se maos, são as glosas minhas.

— oOo —

## **MOTE ALHEIO**

Campos bem-aventurados,  
Tornae-vos agora tristes;  
Que os dias, em que me vistes,  
Alegres ja são passados.

## Glosa

Campos cheios de prazer,  
Vós qu'estais reverdecendo,  
Ja m'alegrei com vos ver;  
Agora venho a temer  
Qu'entristeçais em me vendo.  
E pois a vista alegrais  
Dos olhos desesperados,  
Não quero que me vejais,  
Para que sempre sejais,  
*Campos, bem-aventurados.*

Porém se por accidente  
Vos pezar de meu tormento,  
Sabereis que Amor consente  
Que tudo me descontente,  
Senão descontentamento.  
Por isso vós, arvoredos,  
Que ja nos meus olhos vistes  
Mais alegria, que medos,  
Se mos quereis fazer ledos,  
*Tornae-vos agora tristes.*

Ja me vistes ledo ser,  
Mas depois que o falso Amor

Tão triste me fez viver,  
Ledos folgo de vos ver,  
Porque me dobreis a dor.  
E se este gôsto sobejo  
De minha dor me sentistes,  
Julgae quanto mais desejo  
As horas que vos não vejo,  
*Que os dias em que me vistes.*

O tempo, qu'he desigual,  
De seccos, verdes vos tem;  
Porqu'em vosso natural  
Se muda o mal para o bem,  
Mas o meu para mor mal.  
Se perguntais, verdes prados,  
Pelos tempos differentes  
Que de Amor me forão dados,  
Tristes, aqui são presentes,  
*Alegres, ja são passados.*

— oOo —

## MOTE ALHEIO



Se para vós trabalhasse;  
Tempos tristes passariam,  
Se algum'hora vos lembrasse.

## Glosa

Nunca o prazer se conhece,  
Senão depois da tormenta:  
Tão pouco o bem permanece,  
Que se o descanso floresce,  
Logo o trabalho arrebenta.  
Sempre os bens se lograriam,  
Mas os males tudo atalham;  
Porém já que assi porfião,  
Onde descansos trabalham,  
*Trabalhos descansariam.*

Qualquer trabalho me fôra  
Por vós grão contentamento:  
Nada sentira, Senhora,  
Se víra disto algum'hora  
Em vós hum conhecimento.  
Por mal que o mal me tratasse,  
Tudo por bem tomaria;  
Postoque o corpo cansasse,  
A alma descansaria,

*Se para vós trabalhasse.*

Quem vossas cruezas já  
Soffreo, a tudo se poz;  
Costumado ficará;  
E muito melhor será,  
Se trabalhar para vós.  
Tristezas esquecerião,  
Postoque mal me tratarão;  
Annos não me lembrarião,  
Que como est'outros passarão,  
*Tempos tristes passarião.*

Se fosse galardoado  
Este trabalho tão duro,  
Não vivêra magoadado.  
Mas não o foi o passado,  
Como o será o futuro?  
De cansar não cansaria,  
Se quizeréis, que cansasse;  
Cavar, morrer, fa-lo-hia;  
Tudo, enfim, esqueceria,  
*Se algum'hora vos lembrasse.*

## MOTE ALHEIO

Triste vida se me ordena,  
Pois quer vossa condição  
Que os males, que dais por pena,  
Me fiquem por galardão.

## Glosa

Despois de sempre soffrer,  
Senhora, vossas cruezas,  
A pezar de meu querer,  
Me quereis satisfazer  
Meus serviços com tristezas.  
Mas, pois em balde resiste  
Quem vossa vista condena,  
Prestes estou para a pena;  
Que de galardão tão triste  
*Triste vida se me ordena.*

De contente do mal meu  
A tão grande extremo vim,  
Que consinto em minha fim:  
Assi que vós e mais eu,  
Ambos somos contra mim.  
Mas que soffra meu tormento,  
Sem querer mais galardão,  
Não he fóra de razão  
Que queira meu soffrimento,  
*Pois quer vossa condição.*

O mal, que vós dais por bem,  
Esse, Senhora, he mortal;  
Que o mal, que dais como mal,  
Em muito menos se tem,  
Por costume natural.  
Mas porém nesta victoria,  
Que comigo he bem pequena,  
A maior dor me condena  
A pena, que dais por gloria,  
*Que os males, que dais por pena.*

Que mor bem me possa vir,  
Que servir-vos, não o sei.  
Pois que mais quero eu pedir,  
Se quanto mais vos servir,  
Tanto mais vos deverei?  
Se vossos merecimentos  
De tão alta estima são,

Assaz de favor me dão  
Em querer que meus tormentos  
*Me fiquem por galardão.*

— oOo —

## MOTE ALHEIO

Ja não posso ser contente,  
Tenho a esperança perdida;  
Ando perdido entre a gente,  
Nem morro, nem tenho vida.

## Glosa

Depois que meu cruel Fado  
Destruio huma esperança,  
Em que me vi levantado,  
No mal fiquei sem mudança,  
E do bem desesperado.  
O coração, que isto sente,  
Á sua dor não resiste,

Porque vê mui claramente  
Que pois nasci para triste,  
*Ja não posso ser contente.*

Por isso, contentamentos,  
Fugi de quem vos despreza:  
Ja fiz outros fundamentos,  
Ja fiz senhora a tristeza  
De todos meus pensamentos.  
O menos que lh'entreguei,  
Foi esta cansada vida:  
Cuido que nisto acertei,  
Porque de quanto esperei  
*Tenho a esperança perdida.*

Acabar de me perder  
Fôra ja muito melhor;  
Tivera fim esta dor,  
Que não podendo mor ser,  
Cada vez a sinto mor.  
De vós desejo esconder-me,  
E de mi principalmente,  
Onde ninguem possa ver-me;  
Que pois me ganho em perder-me,  
*Ando perdido entre a gente.*

Gostos de mudanças cheios,  
Não me busqueis, não vos quero:  
Tenho-vos por tão alheios,

Que do bem que não espero,  
Inda me ficção receios.  
Em pena tão sem medida,  
Em tormento tão esquivo  
Que morra, ninguém duvida;  
Mas eu se morro, ou se vivo,  
*Nem morro, nem tenho vida.*

— oOo —

## A HUMA DAMA, QUE SE CHAMAVA ANNA

### Mote

A morte, pois que sou vosso,  
Não a quero; mas se vem,  
Ha de ser todo meu bem.

### Glosa

Amor, qu'em meu pensamento  
Com tanta fé se fundou,  
Me tõe dado hum regimento,  
Que quando vir meu tormento  
Me salve com cujo sou.  
E com esta defensão,  
Com que tudo vencer posso,  
Diz a causa ao coração:  
Não tõe em mi jurdição  
*A morte, pois que sou vosso.*

Por exprimentar hum dia  
Amor se me achava forte  
Nesta fé, como dizia,  
Me convidou com a morte,  
Só por ver se a temeria.  
E como ella seja a cousa  
Onde está todo meu bem,  
Respondi-lhe, como quem  
Quer dizer mais, e não ousa:  
*Não a quero, mas se vem...*

Não disse mais, porque então  
Entendeo quanto me toca;  
E se tinha dito o não,  
Muitas vezes diz a boca,  
O que nega o coração.  
Toda a cousa defendida  
Em mais estima se tem:



Por isso he cousa sabida,  
Que perder por vós a vida  
*Ha de ser todo meu bem.*

— oOo —

## Á MESMA DAMA

Vejo-a n'alma pintada,  
Quando me pede o desejo  
O natural que não vejo.

## Glosa

Se só de ver puramente  
Me transformei no que vi,  
De vista tão excelente  
Mal poderei ser ausente,  
Em quanto o não for de mi.  
Porque a alma namorada  
A traz tão bem debuxada,  
E a memoria tanto voa,

Que se a não vejo em pessoa,  
*Vejo-a n'alma pintada.*

O desejo, que s'estende  
Ao que menos se concede,  
Sôbre vós pede e pretende,  
Como o doente que pede  
O que mais se lhe defende.  
Eu, qu'em ausencia vos vejo,  
Tenho piedade e pejo  
De me ver tão pobre estar,  
Qu'então não tenho que dar,  
*Quando me pede o desejo.*

Como áquelle que cegou,  
He cousa vista e notoria,  
Que a natureza ordenou  
Que se lhe dobre em memoria  
O qu'em vista lhe faltou:  
Assi a mi, que não vejo  
Co'os olhos o que desejo,  
Na memoria e na firmeza  
Me concede a natureza  
*O natural que não vejo.*

## MOTE ALHEIO

Sem vós, e com meu cuidado,  
Olhae com quem, e sem quem.

### Glosa

Vendo Amor que com vos ver  
Mais levemente soffria  
Os males que me fazia,  
Não me pôde isto soffrer;  
Conjurou-se com meu Fado;  
Hum novo mal me ordenou:  
Ambos me levão forçado,  
Não sei onde, pois que vou  
*Sem vós e com meu cuidado.*

Não sei qual he mais estranho  
Destes dous males que sigo,  
Se não vos ver, se comigo

Levar imigo tamanho.  
O que fica, e o que vem,  
Hum me mata, outro desejo:  
Com tal mal, e sem tal bem,  
Em taes extremos me vejo:  
*Olhae com quem, e sem quem!*

— oOo —

## AO MESMO

Amor, cuja providencia  
Foi sempre que não errasse,  
Porque n'alma vos levasse,  
Respeitando o mal d'ausencia,  
Quiz qu'em vós me transformasse.  
E vendo-me ir maltratado,  
Eu e meu cuidado sós,  
Proveo nisso de attentado,  
Por não me ausentar de vós,  
*Sem vós, e com meu cuidado.*

Mas est'alma, qu'eu trazia,  
Porque vós nella morais,  
Deixa-me cego, e sem guia;

Que ha por melhor companhia  
Ficar onde vós ficais.  
Assi me vou de meu bem,  
Onde quer a forte estrella,  
Sem alma, qu'em si vos tem,  
Co'o mal de viver sem ella:  
*Olhae com quem, e sem quem!*

— oOo —

## MOTE ALHEIO

Sem ventura he por demais.

## Glosa

Todo o trabalhado bem  
Promette gostoso fruto;  
Mas os trabalhos, que vem,  
Para quem dita não tem  
Valem pouco, e custão muito.  
Rompe toda a pedra dura,

Faz os homens immortais  
O trabalho quando atura;  
Mas querer achar ventura,  
*Sem ventura, he por demais.*

— oOo —

## MOTE ALHEIO

Minh'alma, lembrae-vos della.

## Glosa

Pois o ver-vos tenho em mais  
Que mil vidas que me deis,  
Assi como a que me dais,  
Meu bem, ja que mo negais,  
Meus olhos, não mo negueis.  
E se a tal estado vim  
Guiado de minha estrella,  
Quando houverdes dó de mim,  
Minha vida, dae-lhe a fim,

*Minh'alma, lembrae-vos della.*

— oOo —

## **MOTE ALHEIO**

Tudo póde huma affeição.

### **Glosa**

Têe tal jurdição Amor  
N'alma donde se aposenta,  
E de que se faz senhor,  
Que a liberta e isenta  
De todo humano temor.  
E com mui justa razão,  
Como senhor soberano,  
Que Amor não consente dano.  
E pois me soffre tenção,  
Gritarei por desengano:  
*Tudo póde huma affeição.*

— oOo —

## TROVA DE BOSCAO

Justa fué mi perdicion;  
De mis males soy contento;  
Ya no espero galardón,  
Pues vuestro merecimiento  
Satisfizo mi pasión.

### Glosa

Después que Amor me formó  
Todo de amor, cual me veo,  
En las leyes, que me dió,  
El mirar me consintió,  
Y defendióme el deseo.  
Mas el alma, como injusta,  
En viendo tal perfección,  
Dió al deseo ocasión:  
Y pues quebré ley tan justa,  
*Justa fué mi perdición.*



Mostrándosese el Amor  
Mas benigno que cruel,  
Sobre tirano traidor,  
De zelos de mi dolor,  
Quiso tomar parte en él.  
Yo que tan dulce tormento  
No quiero dallo, aunque peço,  
Resisto, y no lo consiento;  
Mas si me lo toma á trueco  
*De mis males, soy contento.*

Señora, ved lo que ordena  
Este Amor tan falso nuestro!  
Por pagar á costa agena,  
Manda que de un mirar vuestro  
Haga el premio de mi pena.  
Mas vos, para que veais  
Tan engañosa intencion,  
Aunque muerto me sintais,  
No mireis, que si mirais,  
*Ya no espero galardón.*

Pues que premio (me direis)  
Esperas que será bueno?  
Sabed, sino lo sabeis,  
Que es lo mas de lo que peno  
Lo menos que mereceis.  
Quien hace al mal tan ufano,

Y tan libre al sentimiento?  
El deseo? No, que es vano.  
El amor? No, que es tirano.  
*Pues? Vuestro merecimiento.*

No pudiendo Amor robarme  
De mis tan caros despojos,  
Aunque fué por mas honrarme,  
Vos sola para matarme  
Le prestastes vuestros ojos.  
Matáranme ambos á dos;  
Mas á vos con mas razon  
Debe el la satisfaccion;  
Que á mi por él, y por vos,  
*Satisfizo mi pasion.*

— oOo —

**ALHEIO**

Todo es poco lo posible.

## Glosa

Ved que engaño señorea  
Nuestro juicio tan loco,  
Que por mucho que se crea,  
Todo el bien, que se desea,  
Alcanzado, queda poco.  
Un bien de cualquiera grado,  
Si de haberse es imposible,  
Queda mucho deseado.  
Mas para mucho, alcanzado,  
*Todo es poco lo posible.*

## Outro

Posible es á mi cuidado  
Poderme hacer satisfecho,  
Si fuera posible al hado  
Hacer no hecho lo hecho,  
Y futuro lo pasado.  
Si olvido pudiera haber,  
Fuera remedio sufrible;  
Mas ya que no puede ser,  
Para contento me hacer,

*Todo es poco lo posible.*

— oOo —

## ALHEIO

Vos teneis mi corazon.

### Glosa

Mi corazon me han robado;  
Y Amor viendo mis enojos,  
Me dijo: Fuéte llevado  
Por los mas hermosos ojos,  
Que desde vivo he mirado.  
Gracias sobrenaturales  
Te lo tienen en prision.  
Y si Amor tiene razon,  
Señora, por las señales,  
*Vos teneis mi corazon.*

— oOo —

## MOTE

Qué veré que me contente?

## Glosa

Desque una vez yo miré,  
Señora, vuestra beldad,  
Jamás por mi voluntad  
Los ojos de vos quité.  
Pues sin vos placer no siente  
Mi vida, ni lo desea,  
Si no quereis que yo os vea,  
*Qué veré que me contente?*

— oOo —

## MOTE

Sem vós, e com meu cuidado.

## Glosa

Querendo Amor esconder-vos  
Em parte que vos não visse,  
Co'o extremo de querer-vos  
Cegou-me os olhos com ver-vos,  
Levou-vos, sem que vos visse.  
Eu cego, mas atinado,  
Quando vi que vos não via,  
Do mesmo Amor indignado,  
Ja vêdes qual ficaria  
*Sem vós e com meu cuidado.*

## MOTE

Retrato, vós não sois meu;  
Retratarão-vos mui mal;  
Que a serdes meu natural,  
Foreis mofino como eu.

## Glosa

Indaqu'em vós a arte vença  
O que o natural tõe dado,  
Não fostes bem retratado;  
Que ha em vós mais differença,  
Que no vivo do pintado.  
Se o lugar se considera  
Do alto estado, que vos deu  
A sorte, qu'eu mais quizerá;  
Se he qu'eu sou quem d'antes era,  
*Retrato, vós não sois meu.*

Vós na vossa glória pôsto,  
Eu na minha sepultura,  
Vós com bens, eu com desgosto;  
Pareceis-vos ao meu rosto,  
E não ja á minha ventura.  
E pois nella e vós errarão  
O qu'em mi he principal,  
Muito em ambos s'enganarão.  
Se por mi vós retratárão,  
*Retratárão-vos mui mal.*

Mas se esse rosto fingido  
Quizerão representar,  
E houverão por bom partido  
Dar-vos a alma do sentido  
Para a glória do lugar;  
Víreis, pôsto nessa alteza,  
Que vos não ha cousa igual;  
E que nem a maior mal  
Podeis vir, nem mor baixeza,  
*Que a serdes meu natural.*

Por isso não confesseis  
Serdes meu, qu'he desatino,  
Com que o lugar perdereis:  
Se conservar-vos quereis,  
Blazonae que sois divino.  
Que se nesta occasião  
Conhecessem qu'ereis meu,



Por meu vos derão de mão,

....

*Fôreis mofino, como eu.*

— oOo —

## MOTE

Foi-se gastando a esperança,  
Fui entendendo os enganos;  
Do mal ficárão-me os danos,  
E do bem só a lembrança.

## Glosa

Nunca em prazeres passados  
Tive firmeza segura.  
Antes tão arrebatados,  
Qu'inda não eram chegados,  
Quando mos levou ventura.

E como quem desconfia  
Ter em tal sorte mudança,  
No meio desta porfia,  
De quanto bem pretendia  
*Foi-se gastando a esperança.*

Não tive por desatino  
A ocasião de perdella;  
Mas foi culpa do destino,  
Que a ninguém, como mais dino,  
Amor pudéra sostella.  
Dei-lhe tudo o qu'era seu,  
Não receando taes danos  
Deste, a quem alma lhe deu:  
Quando ja não era meu,  
*Fui entendendo os enganos.*

Fiquei deste mal sobejo  
A quem a causa compete  
Dizer-lhe tudo o que vejo,  
Que Amor acceita o desejo,  
Mas mente no que promete.  
Que se a mi se me obrigou  
A dar-me bens soberanos,  
Foi engano que ordenou;  
Que do bem tudo levou,  
*Do mal ficárão-me os danos.*

E se dor tão desigual

Soffro em mi com padecellos,  
Quero de novo soffrellos;  
Que por a causa ser tal,  
Não determino offendellos.  
Dobre-se o mal, falte a vida,  
Cresça a fé, falte a esperança,  
Pois foi mal agradecida;  
Fique a dor n'alma imprimida,  
*E do bem só a lembrança.*

— oOo —

## ENDECHAS A BARBARA ESCRAVA

Aquella captiva,  
Que me tõe captivo,  
Porque nella vivo,  
Ja não quer que viva.  
Eu nunca vi rosa  
Em suaves mólhos,  
Que para meus olhos  
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,  
Nem no ceo estrellas,

Me parecem bellas,  
Como os meus amores.  
Rosto singular,  
Olhos socegados,  
Pretos e cansados,  
Mas não de matar.

Huma graça viva,  
Que nelles lhe mora,  
Para ser senhora  
De quem he captiva.  
Pretos os cabellos,  
Onde o povo vão  
Perde opinião,  
Que os louros são bellos.

Pretidão de Amor,  
Tão doce a figura,  
Que a neve lhe jura  
Que trocára a cór.  
Leda mansidão,  
Que o siso acompanha,  
Bem parece estranha,  
Mas barbara não.

Presença serena,  
Que a tormenta amansa:  
Nella emfim descansa  
Toda minha pena.

Esta he a captiva,  
Que me tõe captivo;  
E pois nella vivo,  
He fôrça que viva.

— oOo —

## MOTE

Quem ora soubesse  
Onde o Amor nasce,  
Que o semeasse!

## Voltas

D'Amor e seus danos  
Me fiz lavrador;  
Semeava amor,  
E colhia enganoso;  
Não vi, em meus anos,  
Homem que apanhasse  
O que semeasse.

Vi terra florída  
De lindos abrolhos,  
Lindos para os olhos,  
Duros para a vida.  
Mas a rez perdida,  
Que tal herva pasce,  
Em forte hora nasce.

Com quanto perdi,  
Trabalhava em vão:  
Se semeei grão,  
Grande dor colhi.  
Amor nunca vi  
Que muito durasse,  
Que não magoasse.

— oOo —

## **ALHEIO**

Se me levão ágoas,  
Nos olhos as levo.

## Voltas

Se de saudade  
Morrerei ou não,  
Meus olhos dirão  
De mi a verdade.  
Por elles me atrevo  
A lançar as ágoas,  
Que mostrem as mágoas  
Que nesta alma levo.

As ágoas, qu'em vão  
Me fazem chorar,  
Se ellas são do mar,  
Estas de amar são.  
Por ellas relévo  
Todas minhas mágoas;  
Que se fôrça d'ágoas  
Me leva, eu as levo.

Todas me entristecem,  
Todas são salgadas;  
Porém as choradas  
Doces me parecem.  
Correi, doces ágoas,  
Que se em vós m'enlévo,

Não doem as mágoas,  
Que no peito levo.

— oOo —

## ALHEIO

Menina dos olhos verdes,  
Porque me não vedes?

## Voltas

Elles verdes são,  
E tõe por usança  
Na côr esperança,  
E nas obras não.  
Vossa condição  
Não he d'olhos verdes,  
Porque me não vêdes.

Isenções a mólhos  
Qu'elles dizem terdes,



Não são d'olhos verdes,  
Nem de verdes olhos.  
Sirvo de gíolhos,  
E vós não me credes,  
Porque me não vêdes.

Havião de ser,  
Porque possa vê-los,  
Que huns olhos tão bellos  
Não se hão d'esconder:  
Mas fazeis-me crer,  
Que já não são verdes,  
Porque me não vêdes.

Verdes não o são,  
No que alcanço delles;  
Verdes são aquelles  
Qu'esperança dão.  
Se na condição  
Está serem verdes,  
Porque me não vedes?

— oOo —

## ALHEIO

Trocae o cuidado,  
Senhora, comigo;  
Vereis o perigo,  
Qu'he ser desamado.

## Voltas

Se trocar desejo  
O amor entre nós,  
He para qu'em vós  
Vejaes o que vejo.  
E sendo trocado  
Este amor comigo,  
Ser-vos-ha castigo  
Terdes meu cuidado.

Tendes o sentido  
D'Amor livre e isento,

E cuidais qu'he vento  
Ser tão mal querido.  
Não seja o cuidado  
Tão vosso inimigo,  
Que queira o perigo  
De ser desamado.

Mas nunca foi tal  
Este meu querer,  
Que a quem tanto quer,  
Queira tanto mal  
Seja eu maltratado,  
E nunca o castigo  
Vos mostre o perigo,  
Qu'he ser desamado.

— oOo —

## **Á TENÇÃO DE MIRAGUARDA**

Ver, e mais guardar  
De ver outro dia,  
Quem o acabaria?

## **Voltas**

Da lindeza vossa,  
Dama, quem a vê,  
Impossível he  
Que guardar-se possa.  
Se faz tanta moça  
Ver-vos hum só dia,  
Quem se guardaria?

Melhor deve ser  
Neste aventurar  
Ver, e não guardar,  
Que guardar e ver.  
Ver e defender,  
Muito bom sería,  
Mas quem poderia?

**— oOo —**

**MOTE**

Irme quiero, madre,  
Á aquella galera,  
Con el marinero,  
Á ser marinera.

## **Voltas**

Madre, si me fuere,  
Do quiera que vó,  
No lo quiero yo,  
Que el Amor lo quiere.  
Aquel niño fiero,  
Hace que me mueva  
Por un marinero  
Á ser marinera.

El que todo puede,  
Madre, no podrá,  
Pues el alma vá,  
Que el cuerpo se quede.  
Con él por que muero  
Voy, porque no muera;  
Que si es marinero,  
Seré marinera.

Es tirana ley

Del niño Señor,  
Que por un amor  
Se deseche un Rey.  
Pues desta manera  
Quiero irme, quiero  
Por un marinero  
Á ser marinera.

Decid, ondas, cuando  
Vistes vos doncella,  
Siendo tierna y bella,  
Andar navegando?  
Mas qué no se espera  
Daquel niño fiero?  
Vea yo quien quiero,  
Sea marinera.

— oOo —

## MOTE

Saudade minha,  
Quando vos veria?

## Voltas

Este tempo vão,  
Esta vida escassa,  
Para todos passa,  
Só para mi não.  
Os dias se vão  
Sem ver este dia,  
Quando vos veria.

Vêde esta mudança  
Se está bem perdida,  
Em tão curta vida  
Tão longa esperança.  
Se este bem se alcança,  
Tudo soffreria,  
Quando vos veria.

Saudosa dor,  
Eu bem vos entendo;  
Mas não me defendo,  
Porque offendo Amor.  
Se fôsseis maior,  
Em maior valia  
Vos estimaria.

Minha saudade,  
Charo penhor meu,  
A quem direi eu  
Tamanha verdade?  
Na minha vontade  
De noite e de dia  
Sempre vos teria.

— oOo —

## **MOTE**

Vida da minha alma,  
Não vos posso ver:  
Isto não he vida  
Para se soffrer.

## **Voltas**

Quando vos eu via,  
Esse bem lograva,  
A vida estimava,



Pois então vivia;  
Porque vos servia  
Só para vos ver.  
Ja que vos não vejo  
Para qu'he viver?

Vivo sem razão,  
Porqu'em minha dor  
Não a poz Amor;  
Que inimigos são.  
Mui grande traição  
Me obriga a fazer  
Que viva, Senhora,  
Sem vos poder ver.

Não me atrevo ja,  
Minha tão querida,  
A chamar-vos vida,  
Porque a tenho má.  
Ninguém cuidará,  
Que isto póde ser,  
Sendo-me vós vida,  
Não poder viver.

— oOo —

## MOTE

Coifa de beirame  
Namorou Joanne.

## Voltas

Por cousa tão pouca  
Andas namorado?  
Amas o toucado,  
E não quem o touca?  
Ando cega e louca  
Por ti, meu Joanne,  
Tu pelo beirame.

Amas o vestido?  
Es falso amador.  
Tu não vês que Amor  
Se pinta despido?  
Cego e mui perdido

Andas por beirame,  
E eu por ti, Joanne.

A todos encanta  
Tua parvoice;  
De tua doudice  
Gonçalo s'espanta,  
E zombando canta:  
Coifa de beirame,  
Namorou Joanne.

Eu não sei que viste  
Neste meu toucado,  
Que tão namorado  
Delle te sentiste.  
Não te veja triste;  
Ama-me, Joanne,  
E deixa o beirame.

Joanne gemia,  
Maria chorava,  
E assi lamentava  
O mal que sentia:  
(Os olhos feria,  
E não o beirame,  
Que matou Joanne)

Não sei do que vem  
Amares vestido;

Que o mesmo Cupido  
Vestido não tem.  
Sabes de que vem  
Amares beirame?  
Vem de ser Joanne.

— oOo —

## MOTE

Se Helena apartar  
Do campo seus olhos,  
Nascerão abrolhos.

## Voltas

A verdura amena,  
Gados, que pasceis,  
Sabei que a deveis  
Aos olhos d'Helena.  
Os ventos serena,  
Faz flores d'abrolhos

O ar de seus olhos.

Faz serras floridas,  
Faz claras as fontes:  
S'isto faz nos montes,  
Que fara nas vidas?  
Tra-las suspendidas,  
Como hervas em mólhos,  
Na luz de seus olhos.

Os corações prende  
Com graça inhumana;  
De cada pestana  
Hum'alma lhe pende.  
Amor se lhe rende,  
E pôsto em giolhos,  
Pasma nos seus olhos.

— oOo —

## ALHEIO

Verdes são os campos  
De côr de limão;  
Assi são os olhos

Do meu coração.

## **Voltas**

Campo, que t'estendes  
Com verdura bella;  
Ovelhas, que nella  
Vosso pasto tendes;  
D'hervas vos mantendes  
Que traz o verão;  
E eu das lembranças  
Do meu coração.

Gados, que pasceis  
Com contentamento,  
Vosso mantimento  
Não no entendeis.  
Isso que comeis,  
Não são hervas, não;  
São graça dos olhos  
Do meu coração.

— oOo —

## ALHEIO

Verdes são as hortas  
Com rosas e flores:  
Moças, que as régão,  
Matão-me d'amores.

## Voltas

Entre estes penedos  
Que daqui parecem,  
Verdes hervas crescem,  
Altos arvoredos.  
Vai destes rochedos  
Ágoa, com que as flores  
D'outras são regadas,  
Que mátão d'amores.

Com ágoa, que cai  
Daquella espessura,

Outra se mistura,  
Que dos olhos sai:  
Toda junta vai  
Regar brancas flores;  
Onde ha outros olhos,  
Que mátão d'amores.

Celestes jardins,  
As flores estrellas:  
Hortelôas dellas  
São huns seraphins.  
Rosas e jasmins  
De diversas côres,  
Anjos, que as régão,  
Mátão-me d'amores.

— oOo —

## ALHEIO

Menina formosa,  
Dizei de que vem  
Serdes rigorosa  
A quem vos quer bem?



## Voltas

Não sei quem assella  
Vossa formosura;  
Que quem he tão dura  
Não póde ser bella.  
Vós sereis formosa;  
Mas a razão tem  
Que quem he irosa,  
Não parece bem.

A mostra he de bella,  
As obras são cruas:  
Pois qual destas duas  
Ficará na sella?  
Se ficar *irosa*,  
Não vos está bem:  
Fique antes *formosa*,  
Que mais fôrça tem.

O Amor formoso  
Se pinta e se chama:  
Se he amor, ama,  
Se ama, he piedoso.  
Diz agora a grossa  
Que este texto tem,

Que quem he formosa  
Ha de querer bem.

Havei dó, menina,  
Dessa formosura;  
Que se a terra he dura,  
Secca-se a bonina.  
Sêde piedosa;  
Não veja ninguém  
Que por rigorosa  
Percais tanto bem.

— oOo —

## **ALHEIO**

Tende-me mão nelle,  
Que hum real me deve.

## **Voltas**

C'hum real d'amor,

Dous de confiança,  
E tres d'esperança,  
Me foge o trédor.  
Falso desamor  
S'encerra naquelle  
Que hum real me deve.

Pedio-mo emprestado,  
Não lhe quiz penhor:  
He mao pagador;  
Tendo-mo afferrado.  
C'hum cordel atado,  
Ao Tronco se leve;  
Que hum real me deve.

Por esta travéssa  
Se vai acolhendo:  
Ei-lo vai correndo,  
Fugindo a grã pressa.  
Nesta mão, e nessa  
O falso se atreve,  
Que hum real me deve.

Comprou-me o amor,  
Sem lhe fazer preço:  
Eu não lhe mereço  
Dar-me desfavor.  
Dá-me tanta dor,  
Que ando apos elle

Pelo que me deve.

Eu de cá bradando,  
Elle vai fugindo;  
Elle sempre rindo,  
Eu sempre chorando.  
E de quando em quando  
No amor se atreve,  
Como que não deve.

A fallar verdade  
Elle ja pagou;  
Mas ainda ficou  
Devendo ametade.  
Minha liberdade  
He a que me deve:  
Só nella se atreve.

— oOo —

**MOTE**

Dó la mi ventura,  
Que no veo alguna?

## Voltas

Sepa quien padece,  
Que en la sepultura  
Se esconde ventura  
De quien la merece.  
Allá me parece,  
Que quiere fortuna  
Que yo halle alguna.

Naciendo mesquino,  
Dolor fué mi cama;  
Tristeza fué el ama,  
Cuidado el padrino.  
Vestióse el destino  
Negra vestidura,  
Huyó la ventura.

No se halló tormento,  
Que alli no se hallase;  
Ni bien, que pasase,  
Sinó como viento.  
Oh qué nacimiento,  
Que luego en la cuna  
Me siguió fortuna!

Esta dicha mia,  
Que siempre busqué,  
Buscándola, hallé  
Que no la hallaria;  
Que quien nace en dia  
D'estrella tan dura,  
Nunca halla ventura.

No puso mi estrella  
Mas ventura em min:  
Ansí vive en fin  
Quien nace sin ella.  
No me quejo della;  
Quéjome que atura  
Vida tan escura.

— oOo —

**MOTE**

Vida de minha alma.

## **Volta**

Dous tormentos vejo  
Grandes por extremo:  
Se vos vejo, temo,  
E se não, desejo.  
Quando me despejo,  
E venho a escolher,  
Temendo o desejo,  
Desejo temer.

— oOo —

## **CANTIGA ALHEIA**

Pastora da serra,  
Da serra da Estrella,  
Perco-me por ella.

## Voltas

Nos seus olhos bellos  
Tanto Amor se atreve,  
Que abraza entre a neve  
Quantos ousão vello.  
Não sóla os cabellos  
Aurora mais bella:  
Perco-me por ella.

Não teve esta serra  
No meio d'altura  
Mais que a formosura,  
Que nella se encerra.  
Bem ceo fica a terra,  
Que tõe tal estrella:  
Perco-me por ella.

Sendo entre pastores  
Causa de mil males,  
Não se ouvem nos vales  
Senão seus louvores.  
Eu só por amores  
Não sei fallar nella,  
Sei morrer por ella.



D'alguns, que sentindo  
Seu mal vão mostrando.  
Se ri, não cuidando  
Qu'inda paga rindo.  
Eu triste, encobrimdo  
Só meus males della,  
Perco-me por ella.

Se flores deseja  
Por ventura bellas,  
Das que colhe dellas  
Mil morrem d'inveja.  
Não ha quem não veja  
Todo o melhor nella:  
Perco-me por ella.

Se n'ágoa corrente  
Seus olhos inclina,  
Faz a luz divina  
Parar a corrente.  
Tal se vê, que sente  
Por ver-se a ágoa nella:  
Perco-me por ella.

## ENDECHAS

Vós sois huma Dama  
Das feias do mundo;  
De toda a má fama  
Sois cabo profundo.

A vossa figura  
Não he para ver;  
Em vosso poder  
Não ha formosura.

Vós fostes dotada  
De toda a maldade;  
Perfeita beldade  
De vós he tirada.

Sois muito acabada  
De taixa e de glosa:  
Pois quanto a formosa,  
Em vós não ha nada.

Do grão merecer

Sois bem apartada;  
Andais alongada  
Do bem parecer.

Bem claro mostrais  
Em vós fealdade:  
Não ha hi maldade,  
Que não precedais.

De fresco carão  
Vos vejo ausente;  
Em vós he presente  
A má condição.

De ter perfeição  
Mui alheia estais;  
Mui muito alcançais  
De pouca razão.

— oOo —

## ENDECHAS

Vai o bem fugindo,  
Cresce o mal co'os annos,

Vão-se descobrindo  
Co'o tempo os enganoso.

Amor e alegria.  
Menos tempo dura.  
Triste de quem fia  
Nos bens da ventura!

Bem sem fundamento  
Têe certa a mudança,  
Certo o sentimento  
Na dor da lembrança.

Quem vive contente,  
Viva receoso:  
Mal que se não sente,  
He mais perigoso.

Quem males sentio,  
Saiba ja temer;  
E pelo que vio  
Julgue o qu'ha de ser.

Alegre vivia,  
Triste vivo agora;  
Chora a alma de dia,  
E de noite chora.

Confesso os enganoso

De meu pensamento:  
Bem de tantos annos  
Foi-se n'hum momento.

Meus olhos, que vistes?  
Pois vos atrevestes,  
Chorae, olhos tristes,  
O bem que perdestes.

A luz do sol pura  
Só a vós se negue;  
Seja noite escura,  
Nunca a manhã chegue.

O campo floreja,  
Murmurem as ágoas,  
Tudo me entristeça,  
Cresção minhas mágoas.

Quizera mostrar  
O mal que padeço;  
Não lhe dá lugar  
Quem lhe deu comêço.

Em tristes cuidados  
Passo a triste vida;  
Cuidados cansados,  
Vida aborrecida.

Nunca pude crer  
O que agora creio:  
Cegou-me o prazer  
Do mal que me veio.

Ah ventura minha,  
Como me negaste!  
Hum so bem que tinha,  
Porque mo roubaste?

Triste fantasia  
Quanta cousa guarda!  
Quem ja visse o dia,  
Que tanto lhe tarda!

Nesta vida cega  
Nada permanece;  
O qu'inda não chega,  
Ja desaparece.

Qualquer esperança  
Foge como o vento:  
Tudo faz mudança,  
Salvo meu tormento.

Amor cego e triste,  
Quem o tõe padece:  
Mal quem lhe resiste!  
Mal quem lhe obedece!

No meu mal esquivo  
Sei como Amor trata:  
E pois nelle vivo,  
Nenhum amor mata.

# SEXTINAS

## SEXTINA I

Foge-me pouco a pouco a curta vida,  
Se por caso he verdade qu'inda vivo;  
Vai-se-me o breve tempo d'ante os olhos;  
Chóro por o passado; e em quanto fallo,  
Se me paixão os dias passo a passo.  
Vai-se-me, emfim, a idade, e fica a pena.

Que maneira tão aspera de pena!  
Pois nunca hum'hora vio tão longa vida  
Em que do mal mover se visse hum passo.  
Que mais me monta ser morto que vivo?  
Para que chóro, emfim? para que fallo,  
Se lograr-me não pude de meus olhos?

Oh formosos, gentís e claros olhos,  
Cuja ausencia me move a tanta pena,  
Quanta se não comprende em quanto fallo!  
Se no fim de tão longa e curta vida  
De vós m'inflammasse inda o raio vivo,  
Por bem teria todo o mal que passo.



Mas bem sei que primeiro o extremo passo  
Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,  
Que Amor me mostre aquelles por quem vivo.  
Testemunhas serão a tinta e penna,  
Qu'escrevêrão de tão molesta vida  
O menos que passei, e o mais que fallo.

Oh que não sei qu'escrevo, nem que fallo!  
Pois se d'hum pensamento em outro passo,  
Vejo tão triste genero de vida,  
Que se lhe não valerem tanto os olhos,  
Não posso imaginar qual seja a penna  
Qu'esta pena traslade com que vivo.

N'alma tenho contino hum fogo vivo,  
Que se não respirasse no que fallo,  
Estaria ja feita cinza a pena;  
Mas sôbre a maior dor que soffro e passo,  
O temperão com lagrimas os olhos:  
Com que, se foge, não se acaba a vida.

Morrendo estou na vida, e em morte vivo;  
Vejo sem olhos, e sem lingua fallo;  
E juntamente passo gloria e pena.

## SEXTINA II

A culpa de meu mal só tõe meus olhos,  
Pois que derão a Amor entrada n'alma,  
Para que perdesse eu a liberdade.  
Mas quem póde fugir a huma brandura,  
Que depois de vos pôr em tantos males,  
Dá por bens o perder por ella a vida?

Assaz de pouco faz quem perde a vida  
Por condição tão dura e brandos olhos;  
Pois de tal qualidade são meus males,  
Que o mais pequeno delles toca n'alma.  
Não s'engane com mostras de brandura  
Quem quizer conservar a liberdade.

Roubadora he de toda liberdade  
(E oxalá perdoasse á triste vida!)

Esta que o falso Amor chama brandura,  
Ai meus antes imigos, que meus olhos!  
Que mal vos tinha feito esta vossa alma,  
Para vós lhe fazerdes tantos males?

Cresção de dia em dia embora os males;  
Perca-se embora a antigua liberdade;  
Transforme-se em Amor esta triste alma;  
Padeça embora esta innocente vida;  
Que bem me págão tudo estes meus olhos,  
Quando de outros, se os vem, vem a brandura.

Mas como nelles póde haver brandura,

Se causadores são de tantos males?  
Engano foi d'Amor, porque meus olhos  
Dessem por bem perdida a liberdade.  
Ja não tenho que dar senão a vida,  
Se a vida ja não deo, quem ja deo a alma.

Que póde ja'sperar quem a sua alma  
Captiva eterna fez d'huma brandura,  
Que quando vos dá morte, diz qu'he vida?  
Forçado me he gritar nestes meus males,  
Olhos meus: pois por vós a liberdade  
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.

Chorae, meus olhos, sempre os damnos d'alma,  
Pois dais a liberdade a tal brandura,  
Que para dar mais males, dá mais vida.

## SEXTINA III

Oh triste, oh tenebroso, oh cruel dia,  
Amanhecido só para meu damno!  
Pudeste-me apartar daquela vista  
Por quem vivia com meu mal contente?  
Ah se o supremo fôras desta vida,  
Qu'em ti se começára a minha glória!

Mas como eu não nasci para ter glória,

Senão pena que cresça cada dia,  
O ceo m'está negando o fim da vida,  
Porque não tenha fim com ella o damno:  
Para que nunca possa ser contente,  
Da vista me tirou aquella vista.

Suave, deleitosa, alegre vista,  
Donde pendia toda a minha gloria,  
Por quem na mor tristeza fui contente;  
Quando será que veja aquelle dia  
Em que deixe de ver tão grave damno,  
E em que me deixe tão penosa vida?

Como desejarei humana vida,  
Ausente d'hũa mais que humana vista,  
Que tão glorioso me fazia o damno!  
Vejo o meu damno sem a sua glória;  
Á minha noite falta ja seu dia:  
Triste tudo se vê, nada contente.

Pois sem ti ja não posso ser contente,  
Mal posso desejar sem ti a vida;  
Sem ti ja ver não posso claro dia,  
Não posso sem te ver desejar vista;  
Na tua vista só se via a glória,  
Não ver a glória tua he ver meu damno.

Não via maior glória que meu damno,  
Quando do damno meu eras contente:

Agora me he tormento a maior glória,  
Que póde prometter-me Amor na vida,  
Pois tornar-te não póde á minha vista,  
Que só na tua achava a luz do dia.

E pois de dia em dia cresce o damno,  
Nem posso sem tal vista ser contente,  
Só com perder a vida acharei glória.

## SEXTINA IV

Sempre me queixarei desta crueza  
Que Amor usou comigo quando o tempo,  
A pezar de meu duro e triste fado,  
A meus males queria dar remedio,  
Em apartar de mi aquella vista,  
Por quem me contentava a triste vida.

Levára-me, oxalá, traz ella a vida,  
Para que não sentira esta crueza  
De me ver apartado de tal vista!  
E praza a Deos não veja o proprio tempo  
Em mi, sem esperança de remedio,  
A desesperação d'hum triste fado!

Porém ja acabe o triste e duro fado!  
Acabe o tempo ja tão triste vida,

Qu'em sua morte só tõe seu remedio.  
O deixar-me viver he mor crueza,  
Pois desespéro ja d'em algum tempo  
Tornar a ver aquella doce vista.

Duro Amor! se pagava só tal vista  
Todo o mal que por ti me fez meu fado,  
Porque quizeste que a levasse o tempo?  
E se o assi quizeste, porque a vida  
Me deixas para ver tanta crueza,  
Quando em não vê-la só vejo o remedio?

Tu só de minha dor eras remedio,  
Suave, deleitosa e bella vista.  
Sem ti, que posso eu ver senão crueza?  
Sem ti, qual bem me póde dar o fado,  
Se não he consentir que acabe a vida?  
Mas elle della me dilata o tempo.

Azas para voar vejo no tempo,  
Que com voar a muitos foi remedio;  
E só não vôa para a minha vida.  
Para que a quero eu sem tua vista?  
Para que quer tambem o triste fado  
Que não acabe o tempo tal crueza?

Não poderão fazer crueza, ou tempo,  
Fôrça de fado, ou falta de remedio,  
Qu'essa vista m'esqueça em toda a vida.



# ELEGIAS

## ELEGIA I

O sulmonense Ovidio desterrado  
Na aspereza do Ponto, imaginando  
Ver-se de seus Penates apartado;

Sua chara mulher desamparando,  
Seus doces filhos, seu contentamento,  
De sua Patria os olhos apartando;

Não podendo encobrir o sentimento,  
Aos montes ja, ja aos rios se queixava  
De seu escuro e triste nascimento.

O curso das estrellas contemplava,  
E aquella ordem com que discorria  
O ceo e o ar, e a terra adonde estava.

Os peixes por o mar nadando via,  
As feras por o monte procedendo  
Como o seu natural lhes permittia.

De suas fontes via estar nascendo



Os saudosos rios de crystal,  
Á sua natureza obedecendo.

Assi só, de seu proprio natural  
Apartado, se via em terra estranha,  
A cuja triste dor não acha igual.

Só sua doce Musa o acompanha  
Nos soidosos versos qu'escrevia,  
E nos lamentos com que o campo banha.

Dest'arte me figura a phantasia  
A vida com que morro, desterrado  
Do bem qu'em outro tempo possuia.

Aqui contemplo o gôsto ja passado,  
Que nunca passará por a memoria  
De quem o traz na mente debuxado.

Aqui vejo caduca e debil glória  
Desenganar meu êrro co'a mudança  
Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança  
Quão pouca culpa tenho; e m'entristece  
Ver sem razão a pena que m'alcança.

Que a pena que com causa se padece,  
A causa tira o sentimento della;

Mas muito doe a que se não merece.

Quando a roxa manhã, dourada e bella,  
Abre as portas ao sol e cahe o orvalho,  
E torna a seus queixumes Philomela;

Este cuidado, que co'o somno atalho,  
Em sonhos me parece; que o que a gente  
Por seu descanso tõe me dá trabalho.

E depois de acordado cegamente,  
(Ou, por melhor dizer, desacordado,  
Que pouco acôrdo logra hum descontente)

Daqui me vou, com passo carregado,  
A hum outeiro erguido, e alli m'assento,  
Soltando toda a redea a meu cuidado.

Depois de farto ja de meu tormento,

# Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.